

da tal chamada diagonal. Sobre o diametro marca desde a origem o perimetro do polygono circumscripto, e pela extremidade d'essa linha tira uma ordenada ao circulo: e da extremidade d'esta uma parallela ao diametro, que vai cortar a outra ordenada, lado do triangulo rectangulo. O raio tirado por este ponto d'intersecção vai marcar (segundo o A.) um ponto no circulo, cujas ordenada e abscissa dão a relação do diametro á circumferencia (supposta a origem na extremidade do diametro).

E que demonstração nos da o A. de toda esta construcção? Nenhuma. A relação $\frac{y-dy}{x+dx} = \frac{y}{x}$ quando dy e dx são nullos não determinam valores para semelhante construcção. Além d'isto o raciocinio do Sr. Caceres é um paralogismo.

O Sr. Caceres supõe que uma linha media entre as duas perpendiculares aos perimetros dos polygonos de que fallamos deve vir a representar o diametro de um circulo, ao qual aquelles polygonos eram um inscripto, outro circumscripto: mas se nós reflectimos, que a perpendicular, á qual o Sr. Caceres chamava *diagonal do polygono*, vai diminuindo, ao passo que o perimetro do polygono cresce para se aproximar da circumferencia, logo vemos que nunca essa perpendicular pôde representar o diametro do circulo cuja circumferencia seja a abscissa.

E para nos desenganarmos a posteriori da inexactidão da construcção apresentada pelo Sr. Caceres basta advertir que d'essa construcção segue-se, que $\frac{\pi}{y}$ ou

$$\pi = \frac{p-R + \sqrt{(p-R)^2 + P(2R-P)}}{\sqrt{P(2R-P)}}$$

designando p o perimetro do polygono inscripto, e P o do circumscripto, e R o raio do circulo dentro do qual se estamparam os polygonos. Ora em quanto tivermos $P > 2R$, o que tem logar para o hexagono, vem π imaginario, e quan-

do seja $P = 2R$, vem π infinito: em geral teriamos um π variavel conforme o numero de lados do polygono tomado para a construcção!

G. de A.

LES ARTS EN PORTUGAL,

PAR LE

Comte de Raczynski.

Com este titulo acaba de publicar-se em Pariz a primeira parte de uma obra, que, como se deixa ver do titulo, tem por fim uma das nossas cousas mais desconhecidas dos escriptores tanto nacionaes como estrangeiros.

A posição do seu auctor (ministro diplomatico da Prussia na Corte de Portugal) e os conhecimentos profundos, que mostra possuir, são sufficientes salvaguardas da boa execução da obra.

Ouvimos dizer que é Polaco, dos que pertencem á Prussia; seja ou não seja, o que é certo é que discute os pontos controvertidos, investiga noticias, e escreve com toda a erudição e sensatez de um allemão. Achamos isto melhor do que a leveza franceza; pois antes queremos paginas pesadas de estylo e citações, mas de quem vin por seus proprios olhos, e buscou a verdade das cousas, abandonando as fórmulas brillantes; preferimos isto á historia declamatoria, e á consciencia do historiador, que em trez horas de passeio em sego por Lisboa, e com a viagem feita pela posta de Iran até Cadiz adquiriu tantos conhecimentos *locaes* da terra e gente peninsulares, que de certo muito aproveitará para a conscienciosa historia que escreve, pelas novidades que dará.

Notámos que o Conde Raczynski era diplomata, porque esta posição social explica a facilidade que teve para adquirir noticias dos nossos cartorios, e litteratos; os nomes dos Srs. Alexandre Herculano, Rivara, Abbade de

Castro, Visconde de Jerumenha, Vasco Balsemão, e outros provam isto mesmo; e os importantes appendices e notas que acompanham a obra são na sua quasi totalidade apontamentos, e noticias curiosas e eruditas, como de taes pessoas se deviam esperar.

Notaremos, porém, desde já um defeito d'esta obra: por via de regra as versões do portuguez, que nella se encontram, são infieis no ultimo ponto; dizemos isto d'aquellas que pudémos comparar com as fontes, ou cujo original o auctor transcreveu; ali vai um d'esta ultima classe: tractando da supposição das côrtes de Lamegô, transcreve as ultimas linhas de uma nota do Sr. Rocha na sua historia — *Consequira (consequiria, diz o livro portuguez) o seu fim se o selo pela gloria nacional suprisse (suprisse) a falta de provas em factos da historia* — ali vai a versão feita em seguimento do original — *On verra enfin, si le zèle &c.* — De modo que a reflexão feita pelo Sr. Rocha em resposta á opinião do Sr. Fr. Fortunato de S. Boaventura, torna-se em um — *On verra enfin.* — De igual merito e fidelidade achamos todas as citações que pudémos verificar, e muito reccamos, que as particulares e manuscriptas não estejam no mesmo caso.

Dêmos uma idéa da obra. —

É ella escripta em forma epistolar, e acompanhadas as cartas de documentos, que muito avultam pelo seu numero, extensão, e curiosas noticias de que estão recheadas.

A primeira carta, que consta sómente de seis linhas, traz por appendix uma obra manuscripta — *Tractado da Pintura, por Francisco de Hollanda* — vertido do original existente na Bibliotheca de Jesus. Não vem toda, mas os trechos são tão cheios de noticias, e escriptos de um modo tão original, que muito sentimos que o Conde Raczyński julgasse a proposito mutilar até um livro inteiro; muito merecia tal obra ver a luz do dia, já que escapou

ao abyssmo do Ecurial, a Francezes, a centralisadores de bibliothecas, e a curiosos egoistas.

A serie das vinte e nove cartas tem por objecto (além de muitas outras cousas mais secundarias) quatro pontos: — a existencia e caracteres artisticos do nosso pintor de Vizeu — Grão Vasco; a existencia de uma eschola de pintura portugueza; descripção e avaliação artistica dos nossos monumentos mais conhecidos; e estado das Bellas Artes entre nós.

O modo porque é tractado o primeiro ponto, nada deixa que desejar. O zelo com que se houve nesta parte o auctor é digno de todos os elogios: não se contentou de compulsar obras impressas e manuscriptas, buscou informações de pessoas instruidas, alcançou extractos de assentos de baptismos, comparou immensidade de quadros, revolveu quanto ponde, e depois de alcançada a certeza da existencia d'este pintor, e da genuidade de alguns quadros seus na cidade de Vizeu; *foi lá, ve-los, examina-los, estuda-los*, para depois de bem conhecido um original, poder discriminar dos que são attribuidos a tal mestre pela tradição, aquelles que verdadeiramente deveram o ser ao seu pincel.

Assim folgariamos que fizessem todos os que escrevem das nossas cousas, que não houveramos sido alvo de tanto aleive, nem seriam tão nojentas as descripções, que fazem os estranhos quando viajam por Portugal sentados nos seus gabinetes, ou nos passeios e theatros de Lisboa e Porto.

O auctor chegou a acreditar que Grão-Vasco era um symbolo ou mytho artistico, com que em Portugal se denotava certa especie de quadros, ou certa maneira de pintar do seculo XVI; depois desenganou-se. As razões, que teve para estas duas opiniões tão encontradas, são expostas com franqueza e candura.

De toda esta importante parte da

obra pôdem deduzir-se as seguintes consequências.

Existiu o Grão-Vasco — Pintou á maneira da escola flamenga — O seu merito é superior ao de muitos dos seus contemporaneos — A maior parte dos quadros que lhe são attribuidos, não lhe pertencem — Não formou escola sua. Os pontos de contacto que se notam em a maior parte dos quadros d'itos *Grão-Vasco* provem antes do influxo da escola flamenga, por todos os contemporaneos d'elle estudada, do que do conhecimento das suas obras.

Não admittre que houvesse entre nós uma escola. E na verdade no sentido artistico d'esta palavra não é possível admittir a existencia das características de uma escola de pintura. As razões historicas, e criticas do auctor, fundadas no exame prolixo e consciencioso de um grandissimo numero de quadros de pintores portuguezes, nada deixam que desejar a este respeito; e parece-nos que sem quebra da gloria nacional podemos confessar esta verdade.

As nossas antigas e frequentes relações commerciaes com os Paizes Baixos explicam a imitação, ou antes a adopção, que entre nós recebeu a escola flamenga.

Cumpre porém notar que os nossos pintores não seguiram as magicas composições dos grandes auctores flamengos; talvez (seja-nos permittidô aventar esta idéa) porque quando Rubens (1577-1640) Van-Dick (1598) e Rembrandt (1606-1670) elevaram a escola flamenga ao apogéo da sua nomeada, já as nossas relações com os Paizes Baixos eram insignificantes, por effeito das circumstancias politicas dos tempos em que floreceram estes artistas, e então começára pelo contrario a activar-se o tracto com a Italia. É bem sabido quanto foram por nós frequentadas as Côrtes d'esta parte da Europa depois da restauração de 1640, e que quando D. João V. tractou de promover as Bellas artes neste nosso solo, de evolta com os

Breves e Bullas da Côrte de Roma, vieram quadros, architectos, pintores, esculptores &c, e que desde então (e mesmo antes) ali iam estudar aquelles portuguezes que o Governo subsidiava; por conseguinte de sequazes da escola flamenga passámos a ser discipulos da italiana.

É porém de notar o nenhum influxo que teve entre nós a escola hespanhola, sendo o seu estylo tão peculiar, o seu colorido tão local, e o seu desenho tão meridional. No entanto é isto um facto indubitavel para quem tiver o mais leve conhecimento das produções de Murillo, Ribera, Valasques, e Coelho (portuguez pelo sangue, hispano pela pintura). Apesar de tudo isto, Balbi escreveu o contrario, mas o conde Raczyński refuta perfeitamente a opinião do geographo.

Repetimos que não encontramos que o nome portuguez soffra quebra com a falta de uma escola sua de pintura; as pennas do pavão não mudaram a natureza do grou; votamos anathema a todas as usurpações. *Quem descobriu e arassalou o Oriente, a Africa, e a America* (diz o auctor, e nós accrescentaremos) *quem teve uma época de litteratura como nós*, bem mereceu um logar glorioso na historia da humanidade, sem aspirar ao que lhe não pertence.

Na descripção dos nossos monumentos é o conde Raczyński imparcial, e por tanto os elogios que faz, á maior parte d'elles, são de muito peso; mas tambem é inexoravel em lançar o stygia de uma justa indignação pelo que ali se vê desfeito e feito.

Sentimos que as suas excursões artisticas fôsem sómente a Thomar, Evora, Coimbra por Alcobaca e Batalha, Vizeu, Lamego, e Porto. No entanto *para o modo porque os estrangeiros costumam viajar em Portugal é muito*. Amaldiçoamos o arriero que foi causa de não visitar o Minho; e como isto foi deve ler-se, porque o roteiro do auctor é uma das partes mais divertidas da sua obra.

Algumas das suas reflexões são cheias de sal; assim para notar o ridiculo da compostura das vidraças do magnifico monumento da igreja de Belem chama-lhe *imitation desolante des enseignes de vitrier*.— Julgamos, que todos lhe acharão razão ao ver imitadas em janellas de tão estupenda e delicada fabrica os rectangulos de variegadas côres do bottequin do Marrare.

Onde, porém, chovem reflexões justas, mas que chegam ao vivo é fallando da cidade de Coimbra. Mas notem os nossos leitores, que não viu a *carruagem do Reitor*, nem *Theses defendidas em latim corrente*, nem os *estudantes jogando a espada preta*, como succedeu ao Príncipe Licknowski. Não podemos todavia deixar de notar uma versão bem cerebrina — *verte leis extravagantes*, por *lois spéciales!* E com quanto esta versão seja muito *extravagante*, assim mesmo já achámos outra peor; pois um inglez chamou a estas nossas leis *loucas (un-advised laws)*

As pinturas e esculturas da igreja de Santa Cruz são elogiadas, e para se fazer idéa do enthusiasmo de que se deixou possuir o flegmatico espirito analysador do Conde de-Raczynski á vista de tantos primores da arte, basta dizer, que julga o pulpito de Santa Cruz, *uma joia digna de ser fechada em uma medalha, ou engastada em um anel*. Não approvamos a idéa, pela difficuldade de achar dedos para tal anel; mas concordamos com o subido merito que lhe encontrem o nosso viajante, pois sempre nos metteu-raiva o vermos esta obra prima de pejsamento e execução artistica coberta com damascos e franjados de ouro; porque nunca vimos pedaço de pedra, que se lhe chegasse no primor dos lavores.

Fallando da Bibliotheca da Universidade, diz ser a mais bella, e rica em ornatos de quantas ha visitado; mas accrescenta um periodo, que julgamos ser echo de algum mal intencionado, e só o transcrevemos para que os nu-

meros leitores, que de certo esta obra terá entre nós, não acreditem de leve um facto que pela sua gravidade nunca em um livro tal deveria apparecer sem provas.—

«*La personne à laquelle était confiée en 1835 la surintendance de cette bibliothèque a fait, dit-on, le métier de revendeur de livres. Un loup dans une bergerie ne se serait pas trouvé plus à l'aise.* (pag. 471.)

Sentimos que o *cicroni*, que acompanhou o viajante, deixasse de lhe explicar porque o actual Lycéo se chamava *Collegio das Artes*, e evitasse assim o que se lê na pagina 473.

A collecção dos retratos das sallas dos capellos e exames privados são anathematisados por o auctor, e quem olhar para o de D. Affonso IV. D. Pedro III. &c. não deixará de lhe achar razão.

Pior do que elles, (diz o auctor) só os que formam a chamada galaria de pinturas do Paço.

Mr. Dardalhon (de quem traz uma pequena noticia biographica) foi quem acompanhou o artista diplomata, e com elle visitou os monumentos principaes de Coimbra.

Para dar uma prova do pouco que se occupa de outros objectos independentes de artes, basta dizermos que fallando do Governador civil, e do Reitor, diz do primeiro: *O Sr. Lopes de Lima é aquelle, que sendo Governador de Goa, teve que abandonar o seu posto em consequencia de uma revolução*;—do segundo: *O Reitor, Conde de Terena, tem oitenta annos*. Se o Príncipe Licknowski assim escrevesse, que lindas cousas nós houvéramos perdido.

Para rematarmos com o que diz e conta de Coimbra, diremos que ficou encantado da letra e musica do

Que lindo botão de rosa

Que aquella roseira tem!

a ponto que copiou o texto da cantiga, fez-lhe uma versão, e escreveu-lhe a

musica; e tudo isto está estampado em muito bom papel! — Que gloria para os auctores do fado!!

Finalmente em quanto ao estado actual das bellas artes em Portugal achamos o Conde de Raczynski severo, mas judicioso. Reprova que se exaltem como obras primas producções que apenas chegam á méta da mediocridade, e julga que tão inchados como fôfos elogios são um estorvo para o progresso. Na verdade em bellas artes não ha mediana, o sublime é reservado para poucos ingenhos, mas esses a quem *Deus mentem agitat* são arrastados pela força do destino, e a consciencia da sua força e dedicação artistica. A critica severa, e imparcial *sobre tudo* em quanto a pessoas, é só quem pode fazer parar em uma carreira, para que nem todos são chamados, aquelles que talvez poderiam vir a ser uteis a si e á patria em outras profissões, em vez de ficarem sendo simples gastadores ou ostragadores do tempo e tintas.

Demasiado longa irá esta noticia, mas confessamos, que nos incitou a maior extensão a novidade e sensatez da obra, porque (apezar dos escriptos de Taborda e Cyrillo, unicos de que temos conhecimento) julgámos ser a unica de um verdadeiro interesse artistico nacional.

Esperamos que a segunda parte, que deve trazer rectificações das faltas contidas nesta primeira, bem como numerosos e interessantes, documentos, juncto com uma terceira que ha-de seguir-la, e que trará uma synopsis demonstrativa do estado actual das bellas artes em Portugal, formarão um todo bem completo.

Já se deixa ver que importante obra não será a que só no seu Praemio contém elementos tão novos e interessantes á cerca de cousas nossas.

S. B.

O ROMANCEIRO PORTUGUEZ

PARTE II.

Sempre que uma nova obra vem lançar-se no campo da litteratura portugueza, de qualquer genero que seja, felicitamos aquelle que ali a lançou. De qualquer genero que seja, dizemos nós: a philosophia; a historia, as sciencias, e a poesia em geral constituem os diversos ramos da litteratura d'um povo, e sem que nenhum d'elles deva ser preferido, entendemos que devem todos correr a par na estrada da civilisação, e quando assim não aconteça nem esta se pode dizer perfeita, nem o progresso verdadeiro.

Hoje incumbe nos fallar d'uma obra de poesia, do 2.^o tomo do Romanceiro, que o Sr. Ignacio Pizarro acaba de dar á luz. Colligiras lendas e tradições d'um povo, ir á historia buscar os factos mais notaveis da vida d'esse povo, vesti-los d'uma forma agradável, e lançá-los ás turbas para que os decórem, é um pensamento digno d'elogio. — e o Sr. Pizarro teve este pensamento, e procurou pô-lo em practica.

De todas as nações da Europa somos nós talvez os mais atrazados neste genero da litteratura, que devia ser tão nosso, que é tanto da nossa indole. Em quanto na vizinha Hespanha escrevia Móra as suas *Legendas*, e o duque de Rivas o seu *Moro Exposito* e os seus *Romances Historicos*; nós os portuguezes com um peculio de tradições tão rico como o d'elles, e com uma lingua que não é menos harmoniosa, nem menos apta para a construcção poetica, dormiamos somno socegado sobre as joias da nossa historia. O Sr. Garrett não — esse modernamente precedeu os nossos vizinhos, não em vestir os factos das chronicas com as galas da sua imaginação, mas em acudir ás cantilenas e solãos, que o povo sabia, e que nós deixavamos morrer com o povo. Ao me-

nos essa gloria para nós. — Porém os mais? Os mais nem seguiam o Sr. Garrett em aproveitar e retocar as cantigas e romances populares, nem seguiam o exemplo dos hespanhoes em ir á historia buscar proezas e amores para cantar. Quem lesse os grossos volumes das nossas velhas chronicas lá achava de longe em longe uma gentileza, uma catástrophe, uma tradição, os caracteres para um drama; porem o povo que não lia, a não ser a *vida de Carlos Magno*, a *Farmosa Magalona*, e as *Settepartidas do Principe D. Pedro*, ignorava o mais que devia saber, morria legando por memoria aos filhos — não os feitos dos antepassados, que de certo concorriam muito para lhes accender os brios, e despertar o amor pelas cousas da patria, mas os cantos e romances por a maior parte sagrados, a vida d'uma princeza moira, ou um encantamento, que é tudo o que tinha apprendido. E nós os que liamos — tão descuidados que nem lhe ensinavamos tudo o que elle devia saber, nem aproveitavamos o que elle sabia, — tão descuidados que nem colligamos nem apreciavamos o que outros nos deixaram colligido, a ponto de deixar que estranhos reimprimissem os nossos Cancioneiros. Felizmente vai passando essa epocha de degradação litteraria. O Sr. Garrett continua a colligir tudo que ha d'aproveitavel, e que estava a ponto de perder-se. Os Srs. Castilhos abreviam as chronicas, e estremam-lhe as bellezas de maneira que convida a lê-las; o Sr. Freire de Serpa, Ignacio Pisarro, e outros vão buscar á nossa historia tudo o que ella tem de nobre para o lançar nos metros d'uma poesia singela.

Aproveitamos esta occasião para dar ao Sr. José Freire de Serpa os nossos emboras pelo pensamento em que está de continuar a publicar os seus solãos, de que apenas temos a 1.^a parte. O Sr. José Freire foi o primeiro que neste genero levantou entre nós esse manto de vergonha que nos cobria, romaneando os

feitos dos nossos antepassados d'uma maneira tão bella, que fôra muito para sentir não continuar a começada tarefa.

Por este lado muito louvor cabe tambem ao Sr. Pisarro, muito, porque obras taes é que nos hão-de rehabilitar aos olhos da Europa, e levantar-nos á altura em que já estão os nossos vizinhos, porém já que hoje nos cabe o dar o nosso parecer sobre o Romanceiro do Sr. Pisarro permitta-nos S. S.^a que lhe façamos alguns reparos. Bem andou o Sr. Pisarro em escolher o verso octosyllabo para nelle compor o seu Romanceiro, o verso octosyllabo está na indole da nossa lingua, e não só da nossa, de todas as do sul da Europa: em obras taes nunca se devia empregar outro, é aquelle que o povo entende, a que mais está acostumado, e que mais facilmente sabe decorar. Quando elle mesmo não fosse o mais gracioso na forma, quando mesmo não exprimisse melhor, mais natural, e mais singelamente os affectos da alma, bastava esta queda que para elle tem o povo para dever ser o preferido. Parece-nos porém que o Sr. Pisarro em muitas partes do seu Romanceiro ou desconheceu, ou calçou as leis d'este metro. Umaz vezes, como esquecendo-se de que está compondo em verso, deixa ir o pensamento tão arrastado, que isoladamente considerado ninguem dirá que o octosyllabo é um verso; outras vezes levado pelo talento, que ninguem nega ao auctor do Romanceiro, eleva-se tanto que decididamente despresia a naturalidade que é propria d'aquelle genero de poesia. Sirva de exemplo a viva pintura da prisão, e dos seus instrumentos de tortura no terceiro canto do *Manoelinho d'Evora*, e no ultimo romance a descripção da noite e do Tejo, quando o mancebo Lucena o cortava n'uma gondola. Ninguem de boa fé negará belleza a estas descrições, porém nem o Sr. Pisarro devia insistir tanto nellas, nem devia abandonar a singeleza. Ao trovador cabe mais que a nenhum outro a simplicidade

no verso, a esquecê-la seja poucas vezes, e sempre fugilivamente.

Não é este o unico, nem o maior defeito do Sr. Pizarro: teve na verdade pouco esmero na versificação, e é esta uma das faltas menos desculpaveis no poeta. Para que se não diga que não provamos o que dizemos ali vão exemplos d'alguns versos errados:

- O seu amor offerecer —
- Que os mouros queriam roubar —
- Outro resgate elle queria —
- Quantas vezes essa esperança —

Dirá o Sr. Pizarro que foi uma lei a que se propoz — o escrever as palavras que podem ser contrahidas pela syncope sem lançar mão da figura, deixando ao cuidado do leitor o pronuncia-las como se estivessem contrahidas. — E compravará isto com outros muitos versos em que se dá o mesmo concurso de letras e em que se não eliminou uma das vogaes como é uso? Não sabemos se o Sr. Pizarro tem poder para estabelecer esta lei, porem suppondo mesmo que tivesse, não devia ella ser geral? — No entanto há muitos versos em o que Sr. Pizarro escreveu as palavras com a mesma quantidade de syllabas, que a medida do verso exigia, de maneira que a estarem certos os versos que antecedentemente citamos estarão errados os seguintes:

- Mas a filha tão querida —
- Dura ha muito a conferencia —
- A coroa não accitar —
- Tu és ó charpa querida —

Nestes versos esqueceu o Sr. Pizarro a sua lei, se foi lei que teve em vista, e outros ha em que S. S.^a a desdisse completamente, fazendo a syncope:

- Mas um pod'roso inimigo —
- Em p'riço tão imipente —
- P'ra mil beijos receber —

O que nos leva a crêr que tal lei não havia, e que o Sr. Pizarro errou por um descuido naquelles e n'outros muitos, em que a syncope devia fazer-se e não se fez, e descuido em est'outros que nenhuma figura pôde salvar.

- Estava absorto o carcereiro —
- Da infeliz que geme —
- A aquelle que mais lhe offerecer —
- Dos tractos que elle mesmo dava —

Tambem algumas vezes a necessidade do consoante o tornou grammatico pouco escrupuloso; na pag. 461 diz:

Deseja eterno poder
Para aos thesouros que ajunta
Mais thesonros accrescer

Por ultimo advertimos ao Sr. Pizarro que o demasiado uso das dialephas torna frouxos e prosaicos os versos mais bem nascidos.

Sentimos muito que estas sombras escapassem ao auctor, porque alguma cousa diminuem o valor da sua obra. Sentimos, e por amor que temos á verdade lh'as delatamos. Estamos persuadidos que não foi este o ultimo serviço do Sr. Pizarro á poesia, aguardamos ainda outros e esperamos que sejam immaculados, que não tenham uma sombra que os deslustre. Pôde faze-lo, tem forças e sobeja-lhe a vontade.

No fim de tudo seríamos injustos, se depois d'appontar os defeitos que encontramos no Romanceiro, fechassemos o artigo sem lhe appontarmos as bellezas.

A linguagem do Romanceiro é portugueza de lei — isto só fazia o seu elogio; a poesia é quasi sempre graciosa e natural como convem ao genero romance; a fidelidade historica foi sempre tida em vista, e por ella conseguiu o Sr. Pizarro que os seus quadros interessassem tanto pela poesia como pela verdade. Além d'estas bellezas que são geraes, ha outras especiaes e não de menor quilate. Onde há mais funda expressão de verdade que nestes versos?

As vozes dos commandantes;
Os relinchos dos ginetes;
As espadas, os montantes
Batendo nos capacetes!
Essas vozes dos feridos
Soltando ais tão profundos;
Esses cortados gemidos
Do estertor dos moribundos!
A confusa gritaria,
D'essa batalha o estridor
Em todos produziria
Receios, ancia, e horror..

Onde mais poesia que nestes?

Fica atraz delgada esteira
Cortada como a cinzel,
Que denuncia a carreira
Que ia seguindo o baixel.
Cada vez que os remos se erguem
Cahem centelhas no mar,
As gottas d'agua que aspergem
Refrangem luz do luar.

Mais adiante descrevendo o effeito da
declinação da lua sobre o mar —

Como é lindo esse momento
Em que a lua vai sumir-se
Ao cabo do firmamento,
E co' as ondas confundir-se?...
Zona de prata fulgente
Parece brilhante fita,
Que dos confins do occidente
No mar se estende e se agita.

Finalmente quem pinta uma tempe-
stade em menos e em mais bellas pala-
vras do que estas?

Das nuvens denso chuveiro
Vai correndo sobre o mar;
Negro, espesso nevoeiro,
Cortina horrivel formar.
Rajadas rijas dos ventos
Erguem ondas té aos céus;
Mostram do mar fundamentos
Nas bases dos escarcéus.

Valham estas por todas. — Se o Ro-
manceiro do Sr. Ignacio Pizarro não
tivesse bellezas d'este lote pouco nos
pezariam os defeitos que ha pouco apon-
tamos, e que podem e devem ser tirados
n'uma segunda edição.

A. X. R. Cordeiro.

— 1860 —

(J. D.)

**BIBLIOGRAPHIA ABREVIADA DA HIS-
TORIA DE PORTUGAL.**

(Continuado da pag. 329.)

LXIV.

Das Antiquidades da Lusitania.

André de Rezende, de quem fiz a-
cima lembrança (n.º 56) escreveu:

De Antiquitatibus Lusitaniæ. Li-
bri quartuor — Eboræ 1593. Romæ
1597, 8.º Colonia 1600, 8.º.

A edição de 1597 em 8.º foi feita por
Gonçalo Mendes de Vasconcellos, Cabi-
do, natural de Setúbal, Conego Dou-
toral de Evora, Lente de Canones, e De-
sembargador da casa da supplicação,
que publicou a obra do Rezende com
este titulo:

De Antiquitatibus Lusitaniæ libri
quartuor a L. Andrea Rezendio
inchoati, a Jacobo Mendes de Vas-
concellos absoluti: et quintus li-
ber de Municipii Eborensis anti-
quitate ab eodem conscriptus.
Cum aliis opusculis, versibus, et
soluta oratione ab eodem Jacobo
Mendes de Vasconcellos, Michaelo
Cabedio, et Antonio Cabedio elab-
oratis. Quæ omnia collegit, emen-
davit, ac typis summa industria
commisit Doctor Gondisalvus Men-
des de Vasconcellos, et Cabedo Lu-
sitanus. — Romæ 1597, 8.º A esta
edição é conforme a da Universi-
dade de Coimbra.

Ao Juizo que deixei feito (n.º 66) do
merecimento litterario do Mestre Rezen-
de, só tenho a acrescentar que é a
unica no seu genero; a referida obra,
que tem entre nós a auctoridade de
texto. Nenhum escriptor portuguez teve
tanto conhecimento, nem tão seguro
criterio em materia de antiguidades; e
julgo da primeira necessidade a sua li-
ção aos amadores d'este ramo de littera-
tura.

LXV.

Gaspar Estação natural de Evora onde por ordem do Cardeal Rei D. Henrique estudou, vivendo no seu palacio, as sciencias humanas, e passando a Roma foi bem accedido a Gregorio XIV. Teve bastantes conhecimentos da historia genealogica e antiguidades de Portugal; escreveu:

Varias Antiguidades de Portugal.

Lisboa 1625, fol. — 1754, 4.º

Não tem o merecimento da obra precedente

LXVI.

Diogo de Paiva de Andrade natural de Lisboa, onde nasceu em 1576, sobrinho do grande Theologo Diogo de Paiva de Andrade mandado por el-rei D. Sebastião ao Concilio de Trento, e A. do Poema Cauleidos sobre o cerco de Gaul, foi assaz instruido na historia, antiguidades, e na poetica. Compoz:

Exame de Antiguidades. Lisboa 1616, 4.º

Esta obra é uma violenta censura da Monarchia de Fr. Bernardo de Brito (d.º n.º 8) que o seu A. escreveu pela baixa vingança de se ver preferido por elle no logar de Chronista mór do Reino, que foi seu pae Francisco de Andrade, e em que Diogo de Paiva pretendia succeder. É feito sem critica, e de defeitos pouco attendiveis, tendo Brito outros, em que tinha com mais razão necessidade de emenda; mas para esta obra não tinha Diogo de Paiva nem os necessarios conhecimentos, nem a devida critica. É pouco acreditada. Foi impugnada por Fr. Bernardino da Silva Cisterciense, sobrinho de Fr. Bernardo de Brito, na Defensão da Monarchia Lusitana.

LXVII.

Manoel Severim de Faria natural de Lisboa, Conego e Chantre de Evora, famoso antiquario do nosso reino, applicou-se com summa diligencia ao estudo da historia genealogica, e antiguidades em que foi insigne. Junctou com incan-

savel trabalho, e grande despeza uma selectissima livreria de livros raros, e manuscriptos, de historia e antiguidades, com um musen de varias qualidades de estatuas, vasos, medalhas, moedas gregas e romanas, e marmores antigos; estabelecimento bem digno de grandeza de um Principe. Foi incansavel no exame de varios cartorios antigos, donde tirou excellentes noticias. Falleceu em Evora em 1655. Na Bibliotheca Lusitana vem muito por extenso referidos os varios e bem merecidos elogios, que lhe fazem os nossos melhores escriptores, sendo unanimes em reconhecer, que foi um insigne e erudito antiquario, bastando para credito seu o elogio que lhe faz Brandão no Prologo da 3.ª parte da Monarchia Lusitana, e D. Antonio Cactano de Sousa A. da Historia Genealogica, immortaes escriptores da nossa historia. Compoz entre outras muitas obras:

Noticias de Portugal—Lisboa 1655.

— Sahiu addicionado com a vida do A. por D. José Barbosa (d.º n.º 17) — Lisboa 1740 folio.

Contém muitas noticias importantes do reino.

(Continúa.)

D. SANCHO II.

Drama historico pelo Sr. J. F. de Serpa.

Tivemos o gosto de assistir á discussão e approvação d'este novo drama portuguez. Sentimos não poder hoje apresentar sobre elle o nosso parecer como tinhamos promettido em um dos N.º anteriores: com tanto mais satisfação renovamos agora a promessa que então fizemos, quanto achamos o drama digno de occupar a attenção publica pelas bellezas que encerra. No N.º subsequente havemos infallivelmente de cumpri-la, publicando um artigo que do Sr. J. de Lemos acabamos de receber.

A RELIGIÃO CHRISTÃ E A PHILOSOPHIA.

CAPITULO I.

O GENESIS E A GEOLOGIA.

(Continuado da pag. 310)

XI.

Videns autem Deus, quod multa malitia hominum esset in terra. . . inquit. . . Ecce ego adducam aquas diluvii super terram, ut interficiam omnem carnem.

Anno sexcentesimo vite Noé, mense secundo, septimo decimo die mensis, rupti sunt omnes fontes abyssi magnæ, et cataractæ cœli apertæ sunt. . . Et aquæ prævaluerunt nimis super terram; opertique sunt omnes montes excelsi sub universo cœlo.

Duradoura não foi aquella felicidade, que o homem gosava no paraíso, porque o príncipe das trevas invejoso não tardou em vir perturba-la.

Bem conhecia elle, que baldados seriam seus ardis, se contra o homem os dirigira, porque o homem tinha-o Deus creado cheio de sabedoria, quando na face lhe inspirára o sagrado sopro da vida. Mas se Deus fizera o homem sabio por excellencia, formosa, também por excellencia, havia creado a mulher. E a mulher vaidosa deixou-se enganar da astuta serpente; e o homem, que viu a esposa enganada, trocou a sua corôa de rei pelos carinhos da esposa, trocou o seu Deus por uma mulher perdida, e quiz perder-se com ella! Foi um crime execravel este primeiro crime do homem; foi justa a maldição, que cahiu sobre a cabeça do criminoso e de toda a sua descendencia; mas o Senhor não podia deixar de compadecer-se do homem, criminoso embora, porque fôra amor o seu crime.

Se o homem houvera derramado o sangue de seus filhos, o Senhor faria cahir sobre elle todo esse sangue pedindo vingança; se por orgulho houvera erguido contra o Creador o estandarte da re-

bellião, o Senhor lhe faria estalar sobre a fronte o raio da sua colera, e como a vassallo de satanaz havia precipita-lo nos infernos. Porém o homem tinha amado com excesso, eis ahí toda a causa do seu crime. E para crime filho de tal causa a impunidade isso não, que Deus era juiz, devia castigar; mas a compaixão, a misericórdia do Senhor Deus quem não ousára espera-la?

Esperou-a o homem resignado e humilde dentro de seu coração, e não foi em vão que a esperou.

O Filho do mesmo Deus se offereceu á justiça do Padre para victima expiatoria do peccado do homem, e prometten fazer-se homem também para vir á terra morrer pelo peccador! Só uma culpa de amor podia ter o privilegio de achar tanta compaixão, que o proprio Deus se dignasse de fazer do criminoso um irmão seu para salva-lo.

Mas em quanto não chegava o prazo da promettida redempção, fazia mister que o homem tivesse fé, e pelo meio da esperauça fortificasse o amor da virtude.

E o homem nem teve fé, nem conservou a esperança, nem cultivou a virtude. O sangue do primeiro justo manchou as mãos de um fraticida invejoso, os filhos de Deus ligaram-se criminosamente com as filhas dos impios, e toda a carne se corrompeu na face da terra.

Foi então que o Senhor como que se arrependeu de ter creado o homem, e penetrado de magna até ao fundo de seu coração, ameaçou do exterminar de sobre a terra tudo quanto nella era vivo e se movia sobre ella. Compadecceu-se porém de Noé, o qual nunca se apartára dos caminhos de Deus, e mandou-lhe que fizesse uma arca, para que nella pudesse salvar-se com a sua familia, e com os animaes que deviam de povoar ontra vez a terra.

E os homens incredulos riram-se das ameaças do Senhor, e escarneeceram de Noé!

Insensatos, que nem ouviram os bramidos do inferno, respondendo a seus escarneos lá nos desvãos do globo, nem sentiram a terra abalar-se debaixo de seus pés, como que vergando ao peso do tantas iniquidades!

Mas o dia da vingança tinha chegado: era o decimo septimo do segundo mez, quasi 17 seculos depois que a terra começara a ser habitada por homens.

E elles em vão esperaram pelo alvorecer de uma manhã de primavera, em vão quizeram escutar os hymnos harmoniosos dos cantores dos bosques: em roda do horizonte se alevantava uma barreira de nuvens espessas, e em vez do sol no oriente um negrume assustador, crescendo das bandas do occidente, mergulhava toda a redondeza no pavor das trevas, e do silencio.

E depois soava o echo minitabundo do trovão, que se repelia cada vez mais frequente e medonho sobre a cabeça dos mortaes.

E o raio silvando pelo meio das turbas amedrontadas voava nos ares, como espada de vingança brandida por mão invisivel sobre a cerviz dos criminosos.

Soltaram-se então as cataractas dos céus, e torrentes impetuosas de chuva alagavam as habitações dos homens. E os homens ao pallido reflexo do clarão do relampago viam os rostos uns dos outros ainda mais pallidos, uns para os outros estendiam os braços hirtos de susto, procuravam abraçar-se; mas ao encontrarem-se apenas eram cadaveres.

E depois este apparatus de ruina pareceu suspender-se por um momento, e lá para as bandas do occidente, donde ha pouco surgira o gigante das sombras, um clarão foi visto de repente, que penetrava atravez da caliginosa neblina. E os homens que ainda ficaram com vida, julgaram ver o disco ensanguentado do sol, que no fim de tarde tempestuosa pende ás vezes com aspe-

cto sinistro sobre o horizonte melancolico: mas o clarão crescia cada vez mais, estendia-se para os pólos, e em frente d'elle se alevantava uma montanha immensa, negra, ameaçadora, que invadindo o firmamento, parecia prestes a desabar sobre as cidades criminosas, sobre toda a terra habitada.

Era o mar, porque o Senhor tinha quebrado com seu braço omnipotente todas as prisões que lhe domavam as furias. E os antigos pegos profundos, onde nem ou-ára chegar dantes furor da procella, nivelados agora com a superficie do mar, tinham-se convertido em crateras immensas, que como boccas do inferno, ora vomitavam ardentes ondas de lava, ora cachões enormes de agua bituminosa, e fervente. E os homens fugiam para os cumes das montanhas, que tremiam sob seus passos; muitos que viram a arca vogando já magestosa e alliva sobre as vagas encapelladas, ainda tentaram vencer a nado a distancia que d'ella os separava. Em vão, que no meio de seus esforços nãa onda implacavel se alevantava diante d'elles, e os arrojava espedaçados sobre os rochedos da margem.

E o mar tinha devorado todas as cidades e aldéas, onde se abrigavam os homens, todos os bosques, onde se acotavam as aves, todas as cavernas, onde se albergavam as feras. E as feras, e as aves, e os homens lá se foram encontrar nos cumes das montanhas, e allí todos unidos, apertados, o tigre no meio dos cordeiros, o abutre no meio das pombas, e o homem já sem imperio e sem dignidade no meio de todos elles, soltavam um grito funebre de desperaço e de morte.

E nas entranhas da terra lhe respondia a cada momento um fragor terrivel como ullular de demonios, e ao som deste fragor viam-se oscillar ao longo todas as montanhas, como se foram escarcéus de fofa escuma suspensos nas aguas do oceano.

E os homens tinham perdido todos os sentimentos do coração: surdos ás vozes da natureza nem os filhos se compadeciam dos pais decrepitos, que lhes estendiam os braços pedindo soccorro, nem as mães acudiam aos tenros filhinhos que na sua attribuição innocente repetiam com tanta fé o doce nome de mãe.

E o mar crescia, crescia, e subia rodeando em folla ingente os cumes esguios das montanhas: era como caçador cruel, que viu a fera cahida no fojo, e se apraz em atormenta-la com barbaros preludios de uma morte certa.

Então immensas moles de gelo, umas correndo das bandas dos pólos, outras despegando-se dos cimos das montanhas appareceram fluctuando largamente sobre as ondas, como se foram o sudario da morte, estendido por Deus na superficie do globo, para amortallar o genero humano.

E os homens ainda uma vez olharam para o céu; mas todo elle estava toldado de negro, toda a redondeza parecia um tumulo.

Já não havia esperança!

Sentiu-se um subito estampido, e logo apoz um novo e fortissimo abalo em toda a terra, como se o braço omnipotente houvera cahido sobre ella com toda a sua força, para despedaçal-a: as aguas abriram-se por um pouco, como para deixarem ver aos homens o fundo abysmo, que os ia tragar, e cresparam depois a sua fronte horrivel e medonha, e passados momentos, um grito, cortado nos labios dos miseros filhos de Adão, annunciava aos que navegavam na arca abençoada, que em toda a terra já ninguem mais existia.

E o piedoso Noé com sua mulher e seus filhos curvaram a cabeça até o pó, e adoraram, genendo, os decretos da Providencia.

Era então o quadragesimo dia, desde que começára esta scena de desolação. Os gelos, que transportavam per sobre as aguas porções vastas de rochedos encerradas em seu seio, depositavam-nas, ao fundir-se, entre camadas extensas de marnes, argilla, e arcãs.

E essas camadas no meio das quaes ficaram enterradas as victimas d'esta catastrophe, ali permanecem ainda hoje estendidas sobre os valles e sobre os montes, como paginas indeleveis do livro da natureza, para attestarem aos seculos, mau grado a incredulidade dos homens, a realidade d'este universal cataclysmo.

Aos cento e cincoenta dias começavam as aguas a recolher-se á antiga morada, porque os abysmos do mar, que pouco antes convertidos em crateras de vulcões se tinham elevado até á superficie das aguas, desciam outra vez a pouco e pouco á primitiva fundura. Não desciam porém todos, que lá no hemispherio opposto áquelle, onde os homens habitavam dantes, um vastissimo continente se erguia sobranceiro ás aguas, sustendo sobre o dorso o gigante das montanhas, as *Cordelheiras das Andas*, que o Senhor tinha feito erguer de pólo a pólo, como padrão eterno de sua terrivel justiça.

Parou então a arca sobre os montes de *Ararat*, e algum tempo depois o ramo de paz, apresentado a Noé pela pomba innocente, annunciou-lhes que a colera de Deus estava applicada, porque a terra fôra lavada de suas iniquidades pelas aguas do diluvio.

Dispersavam-se as nuvens, e os raios do sol começavam a brilhar por entre ellas, quando o arco iris appareceu rodeando a terra, como sello da nova alliança, que Deus fazia com os homens (1).

(1) A questão da universalidade do diluvio tem dado logar á muitas discussões; agora só a consideramos geologicamente.

O diluvio foi universal, dizem uns, e adaptam varias hypotheses para o explicar: não foi uni-

versal, dizem outros, e riem-se das hypotheses. E quem tem razão? Deus o sabe; porém nós votamos pelos primeiros, que quando menos têm a seu favor a tradição de todos os povos.

Entre os segundos ha uns, que como *Fossilii* não

Temos concluido o capitulo — O GENESIS E A GEOLOGIA — e parece-nos ter demonstrado, que ha completa concordancia entre a narraçao de Moyses, e o que a Geologia nos revela quanto á creação dos corpos sublunares. Admittimos que á palavra *yom* devia dar-se, não a significação de *dia* ordinario porque nem Moyses podia fallar de taes dias antes da creação do sol; mas sim a de *épochas* ou *revoluções*. Esta interpretação parece-nos tanto mais fundada, quanto é verdade que em geral no oriente a palavra,

a que damos a significação — dia — corresponde no seu sentido primitivo ao termo chaldeu *sare*, o qual significa *revolução*.

Para melhor se comprehender o modo, porque, segundo entendemos, as épochas geologicas correspondem aos dias do *Genesis*, ahí apresentamos uma tabella synoptica: estamos convencidos que a Geologia, longe de ser como se pensou no seculo passado, uma alavanca destinada a desmoronar a Igreja christã, é um de seus baluartes de defesa. Vid. *Rosel. de Log.*

CONCORDANCIA DAS ÉPOCHAS GEOLOGICAS COM OS DIAS DO GENESIS.

Épochas cosmogonicas	Épochas geologicas	Dias do Genesis	Differentes creações
1. ^a Começa com a creação da materia, e acaba quando a mesma se inflammou.		1. ^o	Apparece a materia pela primeira vez no espaço, mas ainda dispersa; condensa-se a pouco e pouco, e por ultimo inflamando-se produziu a luz.
2. ^a Dura, desde que a materia se inflammou, até que arrefecendo deu logar a formação dos astros.	1. ^a	2. ^o	Separa-se da materia do universo a porção, que devia formar a terra: condensa-se, e na superficie do globo assim formado apparece a primeira crusta solida.
	2. ^a	3. ^o	Engrossa a crusta granitica, eleva-se, e dahi os primeiros montes. — Os vapores arrefecidos descem sobre ella, dahi os mares. — Creação dos vegetaes até ás palmeiras. Formam-se os schistos et cœl.
		4. ^o	Pomposa vegetação de monocotyledonias. Formação dos astros completada. — Elevação de varias montanhas. — Depositam-se os terrenos primarios.
3. ^a Desde? a creação dos astros até á consummação dos seculos?	3. ^a	5. ^o	Apparecimento dos primeiros animaes. Formação do grupo carbonifero, e todos os terrenos secundarios.
	4. ^a	6. ^o	Creação dos annimaes, mammiferos. — Formação dos terrenos terciarios. — Creação do Homem. —

N. B. Não entram nesta tabella os terrenos diluvianos, porque embora pertençam a uma 5.^a época geologica, não é esta comprehendida nos 6 dias do Genesis.

(Continúa.)

G. de A.

timbram de incredulos, e estes de certo estarão com os primeiros, logo que se lhes demonstre a possibilidade de um diluvio universal; ha porém outros, (são os *Voltaístas*) que tem privilegio de

Democritos, e hão de vir-se de hypotheses, de tradicções, de crenças geraes, de livros sagrados, de tudo. Deus permitta que nunca elles chorem, se não de constrictos.

UMA NOITE DA MINHA VIDA

A verdadeira virtude regulando as paixões, não extingue o sentimento.

Ransay.

Quem ousou já sondar o immenso abismo do coração do homem para nelle contar um por um todos os sentimentos profundos, que passando como relampago no horizonte da vida, deixam traçado nesse horizonte um multiplicado rasto de desventuras?

E todavia eu quero recordar uma noite da minha vida! — Uma noite, a qual passou como um d'esses momentos immensos, mas indivisiveis que symbolisam a eternidade. — Quero recordar um... sonho talvez? — Prouvera a Deus que o houvera sido.

Calmoso corrêra o dia, e ao feneceer d'elle vira eu apagar-se a pouco e pouco a alampada dos céus, e fiquei triste e pensativo. Vi despontar por entre as gothicas ameias da velha cidadella de *Mumadona* e reflectir após dos muros de *D. Diniz* o pallido clarão do luar: vi per sobre as cabeças d'esses colossos de granito, em cujas sinuosas entranhas ainda resoava o echo de fervorosa prece á Virgem da *Penha*, resplandecer como pharol magestoso a lua desassombrada; e eu saudei o luar com um suspiro profundo.

Do que deixamos dicto no texto vê-se, que seguimos a idéa de *E. de Beaumont*, scilicet, a coincidência da epocha do dilúvio com a elevação das *Cordilheiras das Andas*. Admittimos de mais, que a mór parte do *Novo Mundo*, e por ventura outras muitas terras estavam ainda então debaixo de agua, mas nesta occasião impellido do centro para a periferia pela acção do calor central, surgiram levando diante de si as aguas do oceano. Cossa analoga (guardada a devida consideração ao *licet parvis componere magna*) viram nossos paes no famoso terremoto de Lisboa.

Não desprezamos a hypothese de *Saint Pierre*; crêmos que aos gelos polares se devem os depositos de *bloes erraticos* nas terras septentrionaes: mas entendemos, que não é necessario fazer variar o eixo de rotação da terra, para que essas massas de gelo se derretessem. As erupções, de que por certo os polos não podiam ficar isentos na hypothese, que adoptamos, eram bastantes para fazerem alluir toda aquella mole de gelos.

A fusão das neves dos Alpes e outras mnta-

Porque naquella hora de sandade eu tinha a tua imagem, Ulina, gravada mais que nunca em meu coração; eu amava-te em segredo, adorava-te em silencio, e um confuso pensamento de reccio passava, como o vento do deserto, pelo eden de minhas esperanças.

E meus olhos abatidos ergueram-se para o logar, onde eu te suppunha áquella hora descuidosa dos martyrios do minha alma, e senti uma força irresistivel que me arrastava para ti, e me obrigava a depôr a teus pés como um tributo a confissão do meu amor.

E eu caminhava desacordado. Mas apenas dera os primeiros passos, ouvi estalarem por tres vezes golpes de mão como de ferro, que percutia a superficie das aguas. — Uma sombra deslisava rapidamente a esse tempo por entre os chopos e salgueiros debruçados sobre a margem de um pequeno arroio, a cujo lugubre murmúrio desde a infancia me ensinaram a ligar ideas de terror. — Depois uma voz maviosa, mas que tinha o que quer que era de sinistra, cantava esta trova fatal.

Cavalleiro D. Raimundo,

Que tinhas tanto valor:

Tinhas esporas douradas,

E bom corcel corredor;

Tinhas castellos seguros,

E vassallos nos seus muros,

nas, a que *E. Beaumont* attribue os terrenos diluvianos de varios paizes, tambem teria então logar? Julgamos até verosimil que tivesse, porque a elevação de temperatura, era favorecida pelas circumstancias, em que se achava a superficie do globo. Ora a reunião d'estes elementos é de sobejo para explicar a universalidade do cataclysmo de Noé, e o deposito dos terrenos diluvianos.

Alguem tem dicto, que o homem não existia ainda no tempo, em que se depositaram estes terrenos, porque nelles não apparecem os seus restos fossilizados. Parece-nos pouco logica a conclusão. Asseveram-nos, que já se exploraram todos os terrenos diluvianos, que não estão hoje occupados por mar, os logares, onde viveram os homens antediluvianos, e então julgaremos tal reflexão digna de algum peso; mas só tanto quanto merecem argumentos negativos, por que ainda restava examinar, se para a fossilisação dos cadáveres humanos militam exactamente as mesmas circumstancias, que para a dos demais.

Vid. *D'Omali. D'Hal. De la Ech. &c.*

Tinhas pagens mui formosos,
 Que te serviam á vez,
 Tinhas cota e capacete,
 Rija lança, e rijo arnez.
 Cavalleiro mais igual
 Nunca o teve Portugal.

Mas ai de ti, cavalleiro,
 Lá se vai o teu condão!
 Fatal noite de luar
 Será tua perdição;
 Que tu viste olhos tredores,
 Olhos que matam d'amores.

Guerra, guerra o bronze soa,
 Já lá corre o cavalleiro:
 Mas quer de eterna constancia
 Jramento ouvir primeiro.
 E a meiga dama lhe jura
 Guardar eterna fé pura.

Já vai longe D. Raimundo
 Para onde a guerra o chama,
 De Christo o sancto sepulchro
 Resgatar da infel moirama.
 Levando escripto na espada
 O nome da sua amada.

Aqui parou do cantar aquella voz mysteriosa, e um silencio profundo succedera aos ultimos échos de seus melancolicos accentos. É uma trova, pensei eu, das que costuma cantar a gente do povo, o que passam como herança de geração em geração. Um momento depois achava-me a teus pés, e te repetia verso por verso esta trova fatidica.

Palavras, que tu me disseste, palavras que te eu ouvi; já nem sei que palavras foram essas. Sei só que me arrebataram, que me enlouqueceram, e que eu dera ainda mil seculos d'uma existencia feliz para tornar a ouvi las.

Duas horas depois voltava eu pelas proximidades do lugar, onde primeiro ouvira cantar a trova: alembra-me então o que tantas vezes na infancia ouvia contar de uma fada, que á hora da meia noite apparecia toda vestida de branco, em pé como uma estatua de

marmore, sobre o mais estreito da velha alpondra do regato; e muitos que áquella hora lá ousaram passar, tinham ficado ou mortos, ou tollidos de susto.

E eu lá divisava uma luz, que ora brilhava, ora se extingia; e essa luz era pallida e triste como a alampada dos mortos.

Mas que susto pudéra eu ter, eu que me julgava tão feliz?—Eu só desejava ouvir o fim da trova, e não tardou que a mesma voz continuasse:

Mas lá volta o cavalleiro
 No seu corcel a correr,
 A correr noites e dias;
 Que na guerra ouviu dizer,
 Que a dama a quem tanto amava
 De soidades se finava.

— Não corras dom cavalleiro,
 Voz d'amigo lhe bradou,
 A tua amante. . . — é já morta?
 — Mais que morta, perjurou!
 E o soldado audaz na guerra
 Treme agora, e cabe por terra.

Ergue-se apoz, e raivoso
 Seu rival jurou matar,
 A jura deixou cumprida
 Em combate singular. . .
 Olha — o morto. . . quebra a lança,
 Deixa a liça co'a vingança.

Deixa a liça D. Raimundo
 Ninguém mais o torna a ver;
 Deixa corceis, deixa as armas,
 Deixa castellos perder,
 E dizem que se fez monge
 La n'uma terra mui longe.

Ao terminar este ultimo verso a luz tinha-se extinguido de todo; um grito infernal sahiu do meio da escuridão, e foi repetir-se ao longo nas paredes do mosteiro, que fôra mandado erguer pelo vencedor de *Aljubarrota*.

E na torre do mosteiro acabava de soar a hora da meia noite!..

Quem dissera que com esse som fugia de envolta a ventura de uma existencia toda cheia de esperanças?

Quem dissera que aquella trova encerrava os fados da minha vida inteiral
Guimarães 24 de Julho de 1845.

J. M. Pinheiro.

O THEATRO PORTUGUEZ.

R O

MAGRIÇO

Quem torto nasce, tarde ou nunca se indriza.

Nunca este proverbio teve maior documento da sua exactidão do que a existencia material e não material do novo theatro portuguez.

Deixaremos, por muito sabidas, as celebres questões acerca da sua edificação. Baptisado com o nome de *agrião* teve a sorte de vir a ser causa da resolução do *simul esse et non esse*, porque eloquentissimos discursos, agudissimos e irresistiveis raciocinios provaram a final, *que uma cousa depois de aberta, não está aberta, ou que se pode abrir sem se abrir.*

Este estupendo parto do ingenho humano, que deixa a um canto pela sua sublime metaphysica as distincções dos aristotelicos, romancistas, e jesuitas, devia como fica formulado ser gravado em letras bem gordas na frente do edificio, porque em verdade foi inspiração prophetica dos destinos do theatro, e senão veja-se.

Abriu-se em 29 de outubro de 1845 e a 13 de abril de 1846. Em ambas estas épocas as portas estiveram patentes, permutou-se dinheiro por bilhetes os mesmos actores representaram, os espectadores applaudiram, ou patearam como bem lhes pareceu que podiam fazer pelo direito comprado á porta &c. &c. e no entanto o Theatro não se abriu senão agora. O mais foi sonho (oxalá o fosse), ou as duas épocas não são senão uma.

O theatro é portuguez e Mr. de *Dumbycki* é um personagem tão conhecido da nossa historia e litteratura portugueza, que só os não *litteratos*, lhe chamaram francez: de modo que foi a sina do theatro que assim o arranjou para termos outra prova que se póde ser e não ser ao mesmo tempo.

Vem finalmente o Magriço, e os mal-dizentes a dizerem que não é drama, outros, que só tem scenario e adereços magnificos; outros, que é tudo menos Magriço ou os doze de Inglaterra, porque isto é episodio que entra como dança pyrhica em S. Carlos, outros a applaudirem a entrada do cavallo em que vem o Magriço; e até fizeram rimar Magriço com inguiço para darem este epitheto ao theatro.

Tudo isto procede de se não buscar a *philosophia dos factos theatraes*, senão lá achariam, que estava escripto que se abrisse não se abrindo por um drama que não fosse drama, por uma producção litteraria dramatica formulada nos trapos pintados, armaduras de folha de Flandres, marchas e contra-marchas dos comparsas, e nas enredadas intrigas e paixões dos combates dos escudos de lata com massas de armas de papelão.

É ou não o máu fado do theatro que assim o quiz?

É o Magriço?—

Lá vamos. Pelas eras de 1385 existia em Trancoso uma velha mãe de um guerreiro, avó de outro, e madrinha de uma pobre orphã.

Como de contado a orphã morria-se de amores pelo neto da madrinha; o tempo, porem, não era para requebros; os castelhanos queriam tomar Portugal, os portuguezes pleiteavam a causa, e os seus advogados e razões eram D. João 1.º, Nuno Alvares, Mem Rodrigues e muitos outros, entre os quaes muito se distinguiam Alvaro Gonçalves (o Magriço) e seu pae. Os mancebos corriam aos campos de batalha, os velhos atalaiavam do alto das torres para darem

rebate; as velhas rezavam, e contavam historias; e as moças, . . . essas bordavam cintos e pendões para os seus namorados; que em Aljubarrota bem mereceram da patria na formosa ala.

Tudo isto assim era, e de tudo isto formou o auctor do Magriço o seu primeiro acto.

A avósinha cantando (o auctor não escreveu nenhum *libreto*, mas a Sr.^a Talassi entendeu que declamar é psalmodiar), a afilhada (Beatriz) bordando, enchem grande parte do primeiro acto.

A nova da jornada de Aljubarrota chega a Trancoso, grande gritaria e vivorio, apparece o Magriço que havia esbarrigado bom numero de castelhanos e máus portuguezes, grande festança, até que a velha lembra dar graças a Deus, todos ajoelham e ao som da harpa elevam-se as orações dos fieis portuguezes.

Este acto se não é muito dramatico e se sabe muito a gazeta; todavia produz muito bom effeito, porque não fazendo nem desfazendo nada para o desenvolvimento da acção dramatica, recorda época e factos, que hão-de fazer vibrar sempre as cordas do patriotismo portuguez. E no entanto vimos patear este acto, e applaudir o apparecimento do cavallo no torneio!

Continemos. — O segundo acto começa pelos aprestos para o recebimento de D. João I. Ha um estradissimo dialogo entre o Anadel e o Pae de Magriço, rematando esta scena pela sahida de ambos os interlocutores, de modo que a seguinte começa *ex abrupto*.

Depois de um curto monologo do Magriço, apparece Beatriz, o segue-se um bellissimo dialogo o qual alem de muita arte abunda em pensamentos verdadeiramente poeticos exprimidos por uma linguagem bella, fluente, e castigada. Esta scena e outra de igual natureza no 5.^o acto são as perolas d'esta composição.

A declaração do amor de Beatriz é sublime pela sua nobresa.

Apoz isto seguem-se duas scenas que de todo vem apagar o fogo produzido. A avó annunciando a proxima chegada de D. João, e pronunciando palavras mysteriosas acerca da orphã; e o Anadel commandando uma guarda de rusticos como nenhum cabo de esquadra de ordenanças commandou, desdizem completamente do que acabava de dizer-se.

Chega el-rei e depois de encher de graças a Avó, o Magriço, e o pae d'este, declara a todos que a orphã D. Beatriz é sua filha.

O pensamento é dramatico, mas labora em graves defeitos de execução.

O auctor que não perdôou (como veremos) a menor circumstancia historica, peccou neste ponto contra a historia tal qual ella é, e mesmo contra a historia, que poderia haver forjado para melhor nella pendurar o seu drama.

A historia (*) não dá a D. João 1.^o outra progenie illegitima senão D. Alfonso (1.^o Duque de Bragança) e D. Brites (ou Beatriz) casada com o conde de Arundel, havida em D. Ignez Pires, antes de elle ser casado com D. Filippa, por conseguinte de mui pouca idade para ser a que o nosso auctor fez heroína da sua composição.

Esta realidade historica seria de pouco momento para um poeta, se acaso este não quizesse antes adoptar a lenda dos prosadores chronistas do que a do poeta Camões em cousas de bem pouco vulto: por tanto foi o seu rigor historico quem nos levou a notar esta falta de exactidão.

O peor porém é que a chronologia do proprio drama está em contradicção, porque havendo nascido D. João em 1358 (**) não tinha, ao tempo em que o auctor colloca a acção d'esta parte do Drama, senão 27 annos, idade mui juvenil para ter uma filha tão crescida como nos appresenta D. Beatriz. E ain-

(*) Hist. Gen. Liv. 3.^o cap. 4.^o pag. 37. Mariz Dialogo 4.^o cap. 3.

(**) Auct. cit. e Epitaphio da Batalha.

da que o auctor na tabua das idades dos seus personagens dê a D. João dois annos de mais, nem por isso chega para tornar *verosimil* esta ficção.

Finalmente expressar em sós duas phrases (Senhor!... Meu pae!...) todos os sentimentos encontrados que naquelle momento *necessariamente* deviam dar-se na alma da orphã pobre e abandonada, tornada infante, faz o final deste acto frio na leitura, e frigidissimo na execução.

Onze annos depois estamos no 3.º acto, e no paço d'el-rei.

O auctor é romantico; abandonadas as unidades (por isso não lhe queremos nós mal) devia ir coherente, e assim temos uma scena como outra dos Renegados, em que um criado está mui affadigado com arranjos de casa. Segue-se uma scena entre o Magriço e a infante, que é muito boa, mas que pelas perguntas e respostas pelos mesmos consonantes, delirios &c. não pôde equiparar-se á que já lougamos, nem á do 5.º acto. Beatriz aconselhando resignação ao amante deixa escapar a promessa de manter o seu amor.

Segue-se uma fastidiosa scena de côrte. D. João preside, lêem-se as cartas do Duque de Lencastre, e das damas injuriadas, faz-se um sorteio anti-dramatico pela sua duração e frieza, e ridiculo pelo modo porque o bom do *Chaciller* lê os nomes das inglezas, e as emprezas umas em *latim*, e outras em francez, e com isto acaba o 3.º acto. Sendo muito para notar que a historia dos doze entra como Pilatos no Credo, para ir dar lugar ao acto seguinte, e para servir de enxerto.

O quarto acto é de todo estranho ao Drama, e parece feito só porque (não sabemos a razão) no cartaz se lê em letras gordas Magriço e os DOZE DE INGLATERRA.

Se não fôra este maldicto titulo, o Drama deixaria de appresentar um episodio mais estranho á sua contextura do que seria a batalha de Aljubarrota,

como fim principal; e o quinto acto ligando-se como desfeixo aos tres primeiros, teriamos uma boa obra litteraria em vez de uma composição choreographica.

A distribuição das fitas feita pelas *feas* damas é fastidiosa pela sua duração e ridiculas posições dos cavalleiros e das *fêas* (*).

Temos depois o torncio, caricato, como todas as batalhas theatraes, e fastidioso pela exactidão com que se mede o campo, pelas proclamações dos arautos, evoluções militares &c.

Não discutiríamos se o torneio devêra ser a cavallo se a pé, se o auctor não julgasse (veja-se o seu prologo) que o ir contra a narração que Camões põe na boca do Velloso, seria o que fizesse mais bulha. Não seriamos nós os bulhentos, porque sem o titulo do drama e sem o torneio ficaríamos muito mais contentes.

Firma-se na auctoridade de um commentador: não lhe diz o nome, mas se é o Licenciado Manoel Corrêa, copiamos fielmente algumas linhas do seu commentario á Oit. 43 do cant. 6.º para se julgar se a questão ficou decidida.

» A differença que ha entre esta Relação e os versos de Luiz de Camões é, que, na Relação se diz que a briga foi a pé com maças de ferro no principio, e depois com espadas. Luiz de Camões diz que foi a cavallo. Mas não temos certeza por ser cousa sem memoria, em Inglaterra dizem que a ha, e Luiz de Camões fazia esta differença para ornato da sua Poesia.»

Mariz relatando o mesmo successo, mencionando os nomes e naturalidade dos doze, nada diz: por conseguinte estava mais adequado á qualidade de cavalleiro que fosse a cavallo a lucta, do que a pé; era mais *apparatoso*, *estrepitoso*, e talvez fossem mais as palmas da platêa, se julgarmos pelas que foram dadas ao apparecimento do Magriço em um ro-

(*) Como já não ha Magriços e as Damas não são inglezas, atrevemo-nos a não faltar á verdade.

cim. O que nós não quizeramos era que uma acção dramatica dependesse de um torneio de theatro, ou que delle tomasse o titulo.

Com este acto acabaram os doze de Inglaterra, e por consequente o quinto tem parentesco com os dous primeiros e parte do 3.º, mas não com o titulo do drama.

O Magriço volta a Portugal, e encontra D. Beatriz prestes a ser esposa do Conde de Arundel.

O encontro delle com ella é bellissimo, gradação no desenvolvimento das paixões, naturalidade de affectos, energia de expressão, tudo é bello e dramatico; o momento em que Beatriz levanta a banda, que bordára e déra a Magriço, e que este despeitoso lhe arrojára aos pés, é sublime.

Talvez esta scena fechasse bem o drama: no entanto nas seguintes ainda ha bellezas no combate entre Magriço, que quer ir arrancar Beatriz dos braços de Arundel e seu Pae, e Avó.

Deve, porém, haver outra coisa alhea a todo o drama para o fechar; ha outro episodio para rematar *de qualquer modo* uma composição, que de um episodio tirou metade do seu titulo. Cortezãos descontentes vem convidar o Magriço para fugirem todos juntos para Castella. De contado o auctor poupou ao Magriço esta nodoa, esperando que a posteridade lhe compensará tanta lealdade.

O auctor no seu prologo pede uma censura severa, mas exoressa, clara e distincta, e nunca em globo. Tractamos de a fazer como entendemos, e seguindo o seu pedido; nem entendemos que de outra sorte se deva fazer.

Não occultamos nem as bellezas que encontrámos: nem callamos os defeitos.

Outros juizes julgaram differentemente, talvez tivessem razão.

Se não vissemos no Magriço muito e consciencioso estudo da nossa historia, bom estylo e linguagem, alguns trechos

dramaticos, não houveramos censurado porque julgamos que a censura é util só a quem pôde produzir, do mesmo modo que a poda aproveita á arvore viçosa e robusta, e não á secca e mirrada.

Antes de concluir estas reflexões diremos duas palavras á cerca da execução, e accessorios materiaes do drama.

Exceptuando a Sr.ª Emilia e Sr. Theodorico, não teriamos senão que censurar se fallassemos dos outros actores. Em Theatro portuguez é absolutamente necessario que ao menos se falle portuguez, e que se não oiça dizer *proscreever* em vez de *prescrever*.

O scenario e vestuario é proprio, rico, e bello; mas desejaríamos que o panno de talão, já que representa Cintra, o que em um theatro feito por toda a Nação, e para toda ella, não nos parece muito proprio por ser muito local tal pintura, ao menos não tivesse um grupo de figuras que tanto o desfeam pela sua ridicula posição.

THE OCEAN FLOWER (1)

Poema por T. M. Hughes — Londres: 1845

Lemos com a maior avidez este Poema descriptivo da Ilha da Madeira, onde por tal arte se fazem sobresahir as bellezas que em tão bella possessão portugueza se encontram a cada passo, que apezar de termos já por mil vezes parado a contemplar os sitios mesmos que o A. descreve, apparecem-nos elles agora, debaixo da aza divina da poesia, com côres taes que fazem subir de ponto a idéa que hoje nos traça na mento a saudade da nossa terra natal.

É mais uma obra escripta por estrangeiros sobre cousas portuguezas: mas d'esta vez não temos que nos haver com um ingiezo orgulhoso, que sahe da sua pa-

(1) A flor do oceano.

tria de animo feito para escarnecer de tudo quanto viu, e que de tudo zomba porque não acha em cada cathedral um *St. Paul's Cathedral*, em cada rua um *Regent Street*, em cada igreja um *Westminster Abbey*, em cada praça publica um *St. James Park*, em cada obra d'arte um *London Tunnel*; sem se lembrar dos crimes e torpezas que a atmosphera nebulosa da sua metropole encobre a cada hora; esquecido de que bem vezes estas construcções maravilhosas são cimentadas com as lagrimas de mil infelizes, que no meio d'esta suborba riqueza, estendem os braços descarnados e mirrados pela fome: — d'esta vez não temos felizmente que lutar com um homem d'estes. O Sr. Hughes é um inglez consciencioso, como ha muitos, é um observador intelligente que observa os quadros que a natureza lhe apresenta a cada passo naquella Ilha formosissima, e que bebendo estas impressões todas, as faz passar pelo seu ingenho poetico para no-las transmitir depois pela poesia.

E certo que de maravilha se hão-de encontrar quadros mais sublimes que os que resaltam d'aquelle bello terreno, onde se resumem todas as bellezas que a mão do Creator derramou pelo mundo: — que oasis do fresquidão e verdura aquelle sitio do Ribeiro Frio, onde o viajante se encontra como por encanto depois de ter atravessado a aridez da serra, aquelle eden formosissimo

Onde mesmo o morrer fora tão doce. (2)

Ora subindo ás montanhas para nos desdobrar o seu manto de verdura, ora descendo aos prados para nos pintar o seu regaço de flores, a Madeira não tem belleza que não cahisse debaixo do pincel do Sr. Hughes, que escapasse aos olhos observadores do Poeta.

Para amenizar mais as continuas descrições, que podiam ao cabo vir a cansar o leitor, intrudziu o poeta, debaixo da forma de cantigas populares, alguns episodios da historia portugueza

que elle faz cantados pelas aldeãs nas suas festas campestres. Inez de Castro, As chaves de Coimbra, D. Sebastião, e sobre todos a seurpre bella, mas sempre fabulosa, historia de Anna d'Arlet, estão bellamente tractados. Quiz a tradição popular que uma terra como é a Madeira, que tanto extasiou os descobridores, fosse primeiro habitada por duas almas para alli conduzidas pelo amor; e que foram arrojadas pela mão da tormenta aquella terra virgem, onde uma outra tempestade as deixou a sós com a sanctidade do seu amor; para que d'este modo o poetico do descobrimento correspondesse á poesia da terra descoberta.

A que eschola pertencerá o poema do Sr. Hughes?

As escholas crearam-nas os criticos: os poetas nem pensam nellas. Nós, que nem nos podemos collocar entre os ultimos, nem ambicionamos um logar entre os primeiros, só diremos que o poema do Sr. Hughes pertence a uma bem grandiosa eschola — á da verdadeira poesia. Hoje classicos e romanticos, elevados por fim á altura da arte, fizeram confissão de peccados, emendaram-se e reconciliaram-se depois de purificados pela penitencia.

Verdadeiro poeta, o Sr. Hughes concentrou-se a escutar o que, na sua propria vida, produziam estas bellezas sem numero que a natureza lhe desenrolava deante dos olhos: alli a sua alma deixou-se penetrar das mil emoções que lhe entravam por todos os sentidos, para nos serem reveladas depois pelo symbolo incarnadas naquellas imagens que elle vira á luz da poesia: a forma moldou-se ao assumpto. A vida do poeta, infundida nas imagens do mundo, apparece ataviada differentemente segundo as sensações que lh'a geraram debaixo das inspirações de Deus: é assim que cada poeta póde, aos olhos da critica, apresentar-se como representando ora uma, ora outra eschola, quando elle, concebendo a grandeza da arte,

(2)... where 't were sweet to die.

não quiz desde o principio tomar um molde para todos os assumptos, uma forma para todas as idéas.

Faz o A. preceder o seu poema de uma relação historica e descriptiva da Ilha da Madeira, onde apresenta os factos despidos de poesia, e onde bem se conhece que o Sr. Hughes, a par de muitos conhecimentos da nossa lingua, possue tambem uma vasta leitura de livros portuguezes; condição essencial a quem se propõe escrever uma obra d'estas, mas que muitos dos compatricios do A. que o precederam em tarefa semelhante, nem de longe possuíam; dando-nos por isso cousas improvisadas por observações proprias ou alheas, e transmitindo-nos muitas informações que lhes eram dadas por pessoas ignorantes, pelos criados muitas vezes, e até, não raro, pelos proprios arriciros que os acompanhavam nas suas philosophicas excursões, os quaes são por certo bem dignos cicerones para tão conscienciosos escriptores.

Segue-se a esta parte da obra um ensaio sobre a litteratura portugueza, onde o A. exclusivamente se occupa de alguns poetas modernos.—O paralelo entre Bocage e Francisco Manuel parece-nos traçado por mão de mestre: Nicolau Tolentino julgamo-lo tambem devidamente avaliado. De nenhuns outros poetas já fallecidos faz menção o Sr. Hughes: ommissão esta cuja causa não podemos bem descobrir, porque ha por certo entre elles mais alguns de elevado merecimento.

Passando aos actuaes escriptores portuguezes não podemos concordar com a opinião do A. Começa elle por dizer «o mais eminente dentre os escriptores portuguezes de hoje, o unico de alguma conspicuidade, é o Sr. Almeida Garrett.» Fazendo aqui justiça ao Sr. Garrett, o A. faz-se ao mesmo tempo injusto para com os outros: o Sr. Garrett, para se mostrar grande como é, não precisa por certo de ser collocado sobre as ruinas dos seus contemporaneos. Do Sr.

Castilho diz o A. «o qual parece merecer o nome de poeta (3)» mas paga-lhe mui bem esta injuria quando, no Canto IX, se deixa enlevar por tal forma das idéas do Sr. Castilho, que lhe traz uma das bellas poesias da collecção AMOR E MELANCHOLIA: para exemplo citaremos a ultima quadra da poesia que vem no canto IX pondo em frente a do Sr. Castilho.

Ye, Ye are all my family
Who love and are heart-sore;
Come to me, sad ones; of the crowd
I ask but you, no more.

Vos sois a miha familia
Vos que em lagrimas amaes
Carpi comigo: do mundo
Não busco nem quero mais.

A's quadras que precedem esta succede a mesma cousa—são uma bellissima traducção das do Sr. Castilho: a quem o A. fica por este modo devendo uma das mais bellas de suas poesias.

O Sr. Alexandre Herculano está como escriptor muito acima da idea que d'elle forma o Sr. Hughes que só diz «os Romances de Alex. Herculano mostram grande talento, mas os incidentes são por vezes tam rudes e extravagantes a ponto de se tornarem inteiramente inadmissiveis (5)». Quizeramos que o A. nos apontasse onde estão, nas obras do Sr. A. Herculano, esta rudeza e esta extravagancia.

Abstemo-nos de continuar neste ponto melindroso de avaliar escriptores ainda vivos—a posteridade os collocará onde elles merecem.

Na relação da Madeira entra o A. em leves considerações topographicas, geologicas, agricolas e commerciaes sobre esta ilha, e tratando do clima, con-

(3) Who appears to deserve the name of poet. pag. 404.

(5) The Romances of Alex. Herculano evince considerable talent, but the incidents are frequently wild and extravagant as to be entirely inadmissible.

clue dando aos estrangeiros que alli vão fugir ao hynverno alguns conselhos que achamos bem judiciosos. Fugir ao hynverno, dizemos nós, porque o é de certo ir passar esta estação em um ponto da terra onde os mezes mais hynvernoses do anno são uma continua primavera, onde os extremos da temperatura por todo o anno distam apenas de mui poucos grãos. Aquelles que quizerem fugir aos dias calmosos do estio podem ir residir ao norte da ilha, nas bellas planicies de Sant'Anna, aonde nunca chegam os rigores do verão. Nenhum clima do mundo é mais appropriado para a cura das phthisicas incipientes: molestias em que a hygiene faz sempre muito mais que toda a multidão de meios pharmaceuticos; mas é preciso que os doentes não vão, como muitos costumam, com o mal já n'um grão que por adeantado se torna incuravel: chegadas a este ponto, as pobres victimas já nada mais alcançam do que mudar de sepultura: o mais que poderá então fazer-lhes o clima da Madeira — o que não deixa de ser alguma cousa — é diminuir lhes os soffrimentos e aplanar-lhes o caminho que os leva para o tumulo.

Fallando dos homens cujos nomes mais honrosamente adornam as paginas da historia da Ilha da Madeira, diz o Sr. Hughes «mas de todos os filhos da Madeira o incomparavelmente mais illustre é o Conde do Tojal (6)». Temos que a Madeira, se quizesse erguer a algum de seus filhos um monumento de gloria, havia, antes de chegar ao Sr. Conde do Tojal, de encontrar na lista dos nomes dos que a tem illustrado, um outro que primeiro fosse gravado no pedestal.

Temos acompanhado o A. na descripção da Madeira, temos avaliado com elle a benignidade do clima, a fertilidade do solo: chegamos agora a outro ponto da obra onde se lê «A população da Madeira tem sido desfalcada por mi-

lhares nos ultimos sete annos pela emigração para Demerara e Brazil. . . . Os governos de Lisboa tem por muitos annos, uns apos outros, tractado esta Ilha com desprezo. Na verdade havia de parecer a todos que o povo que habita este paraizo terrestre devia de ser um povo feliz. — Feliz! porque veio esta palavra metter-se nos debaixo da penna e acordar-nos tantas maguas que tinhamos guardadas no coração?

O sol que se erguia outr'ora sobre esta terra allumiava um paiz bemaventurado, habitação de um povo feliz: os canticos das aves, as harmonias da briza sempre cheia do perfume das flores que ia sacudindo no caminho, tudo dizia *ventura*: — mas hoje a estes sons veem misturar-se os gemidos da desgraça, a aza da desventura tambem se estendeu sobre aquella terra; a flor do oceano murcho u ao sôpro da miseria!

Portugal quiz chamar a si esta terra, quiz faze-la uma de suas provincias, quiz comprehende-la na generalidade das suas leis, desattendendo as circumstancias especiaes em que ella está collocada; e neste abraço da mão-patria, a filha gemeu porque se sentiu suffocar e perder, e até hoje tem-se debatido em vão comprinida dentro deste circulo de ferro com que Portugal a estreita, privando-a de lançar mão dos recursos que lhe deu com mão larga a natureza: e debaixo de leis iniquas que lhe não podem trazer senão a desgraça a Madeira viu entrar-lhe para o seio a miseria, com os vicios que a acompanharam, que fizeram degenerar as viçosas virtudes de seus filhos, entre os quaes se assentam agora imperiosas a maledicencia e a inveja.

Hoje a cada onda que vem quebrar-se contra os rochedos d'esta ilha responde um gemido de algum dos habitantes que morre á mingua no meio da fertilidade da sua terra, e que foge por evitar a fome trocando a sua ilha, este seu clima tam doce, a sua patria sempre querida de todos, e uma patria como é

(6) But of all Madeira's sons by far the most illustrious is Count Tojal. pag. 44.

esta, pelas incertezas de uma terra de estranhos, pelo clima ábrazador e mortífero de Demerara.

Vai já em dez annos que esta emigração começou e só se tem empregado para a evitar o mais barbaro de todos os meios; em vez de se procurar a verdadeira causa do mal para a combater pelos meios apropriados, mais morosos sim mas mais seguros, tentou-se uma cousa mais rapida e mais simples, a primeira que lembrou — quiz-se fechar a porta a quem fugia de casa por não morrer de fome dentro d'ella l meio este que nem tem a virtude de ser efficaz, que só veio fazer com que os miseraveis, em vez de se embarcarem no *Funchal* debaixo da protecção da lei, vão sair com mais perigos de out ros portos não vigiados.

Se as recordações da infancia, laço poderosissimo que liga todo o homem á sua terra natal, se a identidade de vida e de costumes e de crenças, se o amor de patria em fim, que se conserva puro no seio do povo que ainda o não soube esmagar debaixo do peso do egoismo, mas que o vai transmitindo sem mancha de geração em geração; se tudo isto não é capaz de cortar-lhes a saída — que quereis vos fazer com as vossas leis?

É nas vossas leis, é nellas, que estão as causas da decadência de uma terra que tudo — menos os que lhe regem os destinos — parece favorecer: procurae-as lá, e quando vos forem reveladas, cortae-as pela raiz; com este pequeno trabalho tercis evitado essa emigração para que não achais agora remedio, tercis dado a um povo a felicidade, librado a nação de uma vergonha, e restituído o antigo esplendor a uma das mais bellas joias engastadas na corôa portugueza.

A. da S.

D. SANCHO II.

Depois que em Portugal acabaram as imitações do grego e do latim todos os bons engenhos se voltaram para as nossas velhas chronicas, como rica fonte de assumptos em todos os generos de poesia.

Foi um pensamento natural, e nobre.

Aquelle mysterioso do passado, aquella grandeza com que os seculos que foram apparecem sempre ao seculo que existe, aquelle maravilhoso tão necessario ao poeta, e socio infallivel de tudo o que se não conhece bem, eram circumstancias que attrahiam naturalmente a imaginação.

Memorar em todos os tons o viver o crer de nossos avoengos, fazer amar, applaudir, e decorar ao povo esses antigos feitos que lhe deram nome no mundo, crear uma historia facil e agradável que accende brios, que dirige ou conserva os costumes, que forma cidadãos, eram circumstancias tão cheias de nobreza que não podiam esquecer a nenhum coração portuguez.

Era largo o campo para a poesia, mais largo ainda para o amor da patria.

Perdido assim o character monotono da nossa litteratura, porque nessa coragem de quebrar as cadêas dos themas de rigor ia involvido o germen d'uma variedade infinita, não tardou a experiencia a demonstrar que muito se havia ganho no passo que os novos escriptores aventuraram.

Não só se nacionalisaram as letras e se trajaram d'essas côres locais que as aformoseam tanto, mas foi venturoso conselho para transpor aquellas eternas barreiras aristotelicas que faziam esmorecer, que deixavam infezados esperançosissimos talentos.

Todavia esta especie de protestantismo litterario, que estabeleceu a do-

eterna de que fóra de Grecia e Roma tambem ha salvação, com ser uma reacção proveitosa, tem sido exagerada, como todas as reacções o são a principio.

Embora sejamos romanticos é preciso não condemnar os classicos só porque o são, só porque as suas não são as nossas idéas, só porque o gosto, e os costumes mudaram.

Tudo é bom no seu tempo, e no seu lugar.

Quando *La Harpe* julga as comedias de *Plauto* pelas mesmas leis que caberiam ás composições de 1780 commette um grave erro de critica; se elle considerasse que o poeta latino não escreveu para o theatro do *faubourg Saint-Germain*, se notasse que *Plauto* foi o romano *Molière*, que apresentava o espelho da sociedade do seu tempo, não seria tão absoluta e severa a censura que lhe fez.

A favor dos classicos, quando mais não houvesse, havia a duração das suas obras; esta força que resiste ao poder dos annos, e ás revoluções da moda só espiritos superiores a podem crear.

Se não os estudamos, se os desprezamos, se lhes não aproveitamos a immensa riqueza, é prova mais da nossa ignorancia que da delicadeza do nosso gosto: — reconhecer-lhes o merito, e não o confessar em voz alta só porque elles não vestem á moderna, é sacrificar a razão aos mesmos prejuizos a que *Montaigne* a sacrificou quando disse, depois de referir alguns bons usos de certos povos do novo mundo — *« tout cela ne va pas trop mal. Mais quoi! ces gens-là ne portent pas de hauts-de-chaussés! »*

Felizmente que estas idéas de exclusivismo e de exaggeração vão declinando: a tolerancia e o meio-termo são já as feições predominantes da litteratura dos nossos dias, sem que por isso tenha perdido a sua phisionomia particular.

Temos hoje de nos occupar de um drama bebido nas paginas da nossa

historia, e vasado nos moldes da eschola moderada.

Como portuguez do coração, o Sr. *José Freire de Serpa* tem preferido quasi sempre para objecto dos seus trabalhos litterarios os factos da historia-patria a todos os outros assumptos, ou seja descantando-os ao som do bandolim de menestrel, ou seja abrindo os velhos sepulchros para de lá trazer os illustres personagens d'outras eras, e calçar-lhes o cothurno da scena.

Como verdadeiro poeta, comprehendeu que a exaggeração não é, nem podia ser, uma eschola, e sem deixar de ser romantico, não é um desses possessos phantasmagoricos que escandalizam a razão; aceitou a litteratura da sua época, mas reconheceu que a reacção já passou.

Debaixo da influencia desta verdade é que o *D. Sancho II* foi escripto: — Portugal ganhou um monumento mais da sua antiga vida, a litteratura mais uma victoria dos principios rasoaveis

Mas ha ainda neste drama um pensamento caracteristico, um pensamento generoso que fóra elle só bastante para dar nome ao seu auctor.

Foi *D. Sancho II* um monarcha perseguido pela fortuna na vida, e na morte; tendo por inimigo o clero, a quem tollia a devassidão, não houve amargura que não provasse, foi ferido como homem, como christão, e como rei; como homem, roubaram-lhe a mulher, como christão excommungaram-no, e como rei depozeram-no do throno: — era muito, mas não era ainda nada para o odio do seu poderoso perseguidor.

Quando parecia que o tumulto de Toledo devia ser o derradeiro capitulo das sanhas do clero, começaram os chronistas a mais covarde de todas as guerras áquelle punhado de illustros cinzas; quando nada havia a esperar nem a temer, escreveu o clero, ou fez escrever, a historia mentirosa do pebre

monarcha, querendo comprar a sua justificação á custa de uma fama preciosa

E essa historia passou em julgado e foi de seculo em seculo dizendo á posteridade—D. Sancho foi um máu rei.

Até que hoje se levanta o Sr. *José Freire de Serpa* para combater esta calúnia; estudou com critica todos os chronistas, revolveu o macilento pó de inacilentos pergaminhos, e seguro das causas da deposição de D. Sancho II, fez um drama para lhe rehabilitar a memoria.

Quem não vê nisto a bella definição de uma alma de poeta?

Mas porque não escreveu o Sr. *José Freire de Serpa* em vez do seu drama a historia documentada, a historia critica d'aquelle reinado? Porque a historia assim escripta não é para o povo, e no povo é que principalmente andava o erro; atacou-o de frente, foi-lhe com a foice á raiz, e escreveu um drama, porque o Drama é obra popular.

Tivemos a satisfação de ouvir ler esta peça em um serão litterario de que a *Revista* já deu conta, assistimos á sua discussão no *Instituto de Litteratura e Arte Dramatica*, e de ambas as vezes nos convencemos de que é esta uma das melhores composições do Sr. *José Freire*. Daremos d'ella uma breve idéa.

Abre-se o 1.º acto com os aprestos que se fazem no paço de D. Sancho para a recepção da embaixada do Papa, e ahí em palestra de alguns fidalgos da côrte se revela a intriga da cleresia que chama sobre D. Sancho as iras de Roma.

D. Raymon de Portocarreiro, a quem o auctor deu o character de antigo despresado amante da Rainha D. Mencia, alli vem da frontaria da Galliza para aconselhar o monarcha segundo as vistas do clero e as suas, porque entrando n'aquellas o separa-lo da rainha, D. Raymon servia a mira dos seus desejos, abrindo caminho para os seus malogrados mas nunca destruidos amores.

Uma pendencia muito a proposito armada entre D. Raymon e D. Martin Gil de Soverosa dá logar a que entre D. Sancho, que a termina, requerendo-lhes aquelles brios para melhores empresas; para logo porém manifestando o rei a sua intenção firme de não ceder nem ao Papa nem a ninguem senão n'aquella parte que lhe cumprisse como a bom christão, e sendo a separação de D. Mencia formalmente exceptuada, D. Raymon se retira jurando voltar a pagar o que elle chama a segunda de suas dividas, porque a primeira é a da pendencia com D. Martin, que tambem não ha de ficar sem pagamento.

Segue-se depois uma bellissima scena entre D. Sancho e D. Mencia em que se revela todo o amor do monarcha, todos receios da rainha, e os sacrificios d'aquelle apreciados e pagos por esta com uns affectos e carinhos cheios de mimo e de graça. Aqui lhe conta D. Mencia como D. Raymon a quizera para mulher, como de cada vez que o tem visto, depois que lhe engeitou a mão de esposo, sempre essa vista ficou sellada com uma desgraça; teem sido quatro vezes:—da 1.ª morreu-lhe o pae; da 2.ª morreu-lhe o marido; da 3.ª foi D. Sancho excommungado. . . e a 4.ª? pergunta, D. Sancho; a 4.ª foi hoje, responde D. Mencia cahindo-lhe nos braços, *D. Sancho, meu D. Sancho que nos ha-de acontecer amanhã?*

Mas D. Sancho não crê nos sustos da sua bella rainha, tem dó do pobre que anda penando os desdens da ingrata, e quando tudo isto se desvaneco da memoria d'ambos em um carinho d'amor, annuncia um pagem a chegada do Legado.

É aqui que se vai dar a grande batalha entre a tunica e a purpura, entre a estolla e o sceptro, entre o clero e o rei.

Deu-se com effeito; o Legado intima a bulla apostolica, e conta com a victoria esperançado em que já a clere-

sia poderá estender o seu dominio illimitado sobre o reino de D. Sancho; mas o character do Rei é firme, e de rija tempera — não cede, porque antes da hypocrisia está a sua consciencia, e esta lhe diz que a cleresia não quer senão *o suor do pobre, e o thesouro do rico; o feudo do vassallo, e o poderio do amo; a isenção da villã, e a flôr da rica dona; o direito, e o avesso; o uso, e o abuso!* E deve o rei e o senhor natural do povo de Portugal assentir? Não, que elle tem primeiro de que tudo o cuidar da defeza da Nação, e entre esta e a ambição dos padres, vai uma distancia incommensuravel. «*Ide-vos pois*» lhe diz o monarcha de pé, e com elle a nobreza. O Legado obedece a custo, porem quer deixar após si o anathema em nome do Santo Padre! Fulmina-se a maldicção, excomungam-se o reino, e levanta-se o grito da insurreição nos proprios paços reaes. «*Real por D. Affonso de Bolonha!*» brada Fr. Desiderio, mas esta saudação não encontra ecco no coração dos Portuguezes, que reconhecem unicamente por seu senhor legitimo aquelle a quem juraram preito e menagem — aquelle que é o seu rei de direito, aquelle que elles levantaram com os seus braços, D. Sancho II, em fim.

D. Martim de Freitas, esse bom e leal cavalleiro, dá o exemplo saudando em contraposição D. Sancho; os nobres e o povo correspondem, e acolhem cheios d'enthusiasmo um nome que todos acatam e prezam.

É assim que o povo e a Nação replica ás exigencias traiçoeiras do Legado, é assim que D. Sancho desarma, como seus maiores, as pretensões injustas de quem lhe quer usurpar reino, independencia, e affectos d'alma, porque D. Mencia, que ama como a vida — lhe deve ser roubada sob o pretexto de parentesco.

Tem de se travar pois um combate a todo o trance: a razão contendrá com a injustiça — a lealdade com a astucia. E quem triumphar n'este certame desigual?

É o que o auctor nos promette descobrir nos dous actos que seguem.

D. Mencia, fraca como todas as mulheres, illude-se com as palavras mentidas de Fr. Desiderio; á capella do Arnado corre em devota oração a pedir indulgencia dos seus peccados e dos d'el-rei. Pobre D. Mencia, que não vês a cilada que se te prepara! Pobre D. Mencia, que deslembraes que o homem que julgas de Deus — é um anjo máu, que jurou a tua perdição!

Concertado o plano entre o Legado e D. Raymon de Portocarreiro, a innocente D. Mencia chega á hora aprasada; em vez do Ministro do Senhor encontra esse homem que a persegue como a sua sombra, esse homem que lhe envenena a existencia a cada passo, e que se mette sempre de permeio entre o seu repouso e a sua ventura, esse homem, n'uma palavra, que *traz Satanaz no espirito e a vingança no coração.*

Ameaças, supplicas, delirio d'um coração ferido pelo despeito e pelo amor, d'um lado; constancia, virtude e coragem do outro — eis os sentimentos encontrados, que pelejam constantemente, sem que a vileza possa ganhar um só palmo de terreno n'este batalhar d'alma e coração. D. Mencia está irremediavelmente perdida; o Legado de Roma, Fr. Desiderio, proclama a sua deshonna, blasfemia de Deus, injuria a Igreja, sanctifica o concubinato! Tal é a sede do vingança d'aquelle, que não tem senão fel nos labios e preversidade nas acções para conseguir seus damnados intentos!

Esta scena terrivel, que parecia não ter por testemunhas senão a divindade, e dous homens perdidos, que anhellam dobrar uma alma candida e angelica, foi escentada por Poncio, pagem fiel, que ainda pôde a tempo unir-se a alguns cavalleiros. A toda a pressa se precipitam sobre o raptor da esposa do rei de Portugal. De que vale tanta golhardia, tanta dedicação? «*Eram mais de trescentos de cavallo, diz D. Martim Gil entrando banhado em sangue a D. San-*

cho que corren logo á capella ao dar pela ausencia de sua consorte; eram mais de trescentos, e nós eramos quatro, tendo sido victimas já trinta; que fazer contra trescentos?»

D. Sancho foi ulcerado profundamente no mais intimo do coração, roubaram-lhe metade da alma, privaram-o dos carinhos, do amor da esposa; deseja a todo o custo salvar a rainha — para isso dará, se preciso fôr, metade do seu patrimonio real!

É tarde. O conde de Bolonha bate ás portas da cidade, um exercito poderoso o acompanha; e os clorigos e os monges valem-se mais uma vez da mortifera arma do fanatismo e do terror para levar a morte e a desgraça a quem lhes resiste. Que lhe resta? Toledo será o seu derradeiro entrincheiramento — é ali que tem de exhalar a vida o desditoso rei.

A voz sinistra e diabolica de Fr. Desiderio treveja de novo — pede o descredito e o aviltamento da corôa. Isso nunca, que ainda sobram brios nos valentes Portuguezes — isso nunca, que ao Alcaide de Coimbra pende ao lado uma espada.

Mas na hora da desdita soma-se a popularidade; ás aclamações do monarcha já respondem poucas e debeis vozes: esvaio-se no pó a grandeza d'um formoso reino — venceu a injustiça, campêa ovante a astucia sobre as ruinas da lealdade e da razão.

«Agora sim, que levarei ao Santo Padre a replica do teu povo.»

Esta exclamação solta Fr. Desiderio na embriaguez do triumpho. Cumpriram-se os seus desejos nefandos — realisou-se a sua vontade — está quasi debelado um corajoso adversario.

Volveram dous annos. Que mudança! O monarcha valente, que folgava no meio dos maiores perigos, que sorria da guerra, que nas desditas mostrára sempre um nobre vigor — ei-lo abatido e quebrado — *ei-lo esposo sem mulher, cidadão sem patria, rei sem reino.* Assim se ex-

pressa D. Martin Gil na breve pratica com o pagem d'el-rei de Castella.

Ainda restam algumas esperanças, que o tulão da adversidade não desfolhou de todo — ainda o esforço, symbolisado em D. Vasco Martins Pimentel, pôde levar um raio de luz aquella alma em trevas, ainda a religião, pintada com côres celestes n'aquelle bello personagem Fr. Mignel — pôde apagar o desalento do peito, outrôra forte do guerreiro D. Sancho, que hoje desacorrido da fortuna se mostra froixo, tibio, e desvalido.

E a historia tem de insultar este homem digno de melhor sorte — a historia, que deve ser a verdade escripta — será feita por esses homens que o odeiam! E elles cuspirão sobre as cinzas do findo a injuria e a calumnia! Um rei que amou extremosamente o seu povo, que superou os prejuizos da epocha — será para os vindouros um motivo d'escarneo e desprezo: os mais rigorosos chamar-lhe-hão tyranno — os menos austeros — imbecil! Que futuro d'amarguras para quem só curou da felicidade dos seus vassallos!

Estas idéas callam no espirito do Monarcha, e lhe fazem perder a energia, a força, e a vida; estas idéas perseguem-o dolorosamente, e lhe apressam o termo dos padecimentos.

A hora do Conselho em que se hão-de decidir os destinos do caduco reinado de D. Sancho vem proxima, vai-se tentar o derradeiro golpe, e se elle falla, ai dos valentes e destemidos!

Porem que estranho, e novo successo reserva a Providencia? Uma mulher, envelhecida não pelos annos, mas pelo padecer — appresenta-se para vêr o Monarcha. É D. Mencia, que pôde escapar aos seus perseguidores, D. Mencia, que resistiu a dous annos de seducção — D. Mencia que pedindo recolher-se ao Mosteiro de S.^{ta} Maria, ao passar cerca de Toledo, pediu soccorro, foi soccorrida, e depois de rija peleja conseguiu salvar-se.

Renasce de novo o alento. D. Raymon de Portocarreiro, reptado por D. Martin Gil, paga com a vida n'um duello a sua traição, tendo sido feito antes prisioneiro dos alliados; e a espada valente do cavalleiro vencedor é deposta aos pés da rainha, que tom de guiar á victoria o valoroso exercito portuguez. Portugal não ficará orphão do seu rei — Portugal agora tem um chefe, um anjo mensageiro de novas venturas.

«Cavalleiros, diz D. Martin, as vossas espadas em punho, e vamos levar a el-rei o nosso juramento.»

Estas palavras já não serão ouvidas do malaventurado rei, que proximo a descer á sepultura ainda pôde morrer junto da mulher que adorára.

Como rei magnanimo lega o seu coração aos seus fieis vassallos, como homem e portuguez desinteressado cede o reino a seu irmão — como christão perdôa a seus inimigos, e como esposo morre nos braços da esposa, amando-a até ao ultimo sopro de vida.

Temos dado até aqui uma exposição do Drama do Sr. José Freyre, e fomos talvez demasiado longos; todavia o assumpto assim o demandava,

Ha no Drama bellezas, e lances Dramaticos. Os mais escrupulosos desejariam resumida a entrevista no 4.º Acto entre D. Sancho e o Legado de Roma. Ah! a attenção cança-se, e a historia não suppre o effeito scenico. O poeta tornado chronista suicida-se, e o publico não lhe leva em conta a erudição.

Haveria tambem muito quem desejasse mais relevo na figura veneranda de Martin de Freitas. É para que um anachronismo? Como diz o auctor no prologo — o facto que anda impresso na memoria de todos foi depois da morte de D. Sancho — logo só a necessidade justificaria o abuso — essa porem não existia, porque D. Martin de Freitas, é um accessorio, e não prende de modo algum com o principal da accção.

O 3.º Acto para nós é de grande valia. As paixões estão retractadas com

colorido vigoroso e sentimento, os incidentes correm naturaes, (se bem que a apparição repentina de D. Mencia parece um pouco forçada) e sobretudo o interesse Dramatico recresce de scena para scena. Aquellas mimosas flôres de poesia espargidas sobre a loisa do grande rei tão injustamente avaliado — tornam o desenlace do Drama d'effeito e interesse, e revelam o pensamento nobre e portuguez do auctor: revindicar a memoria ultrajada de D. Sancho II, tão maltractado na vida pelos ingratos, e na morte pelos parciais e aulicos (*).

A linguagem agradou-nos em geral, se bem que seriamos de voto que fosse despida d'alguns termos obsoletos.

Pareco-nos termos sido exactos na apreciação da obra do Sr. Freyre. Como D. Sancho soffreu elle uma *excommunição inmerecida*, como a D. Sancho pertenderam despoja-lo da sua corôa de poeta. Se o que ahí deixamos escripto pôde despertar algum interesse pelo amor da verdade, temos conseguido o nosso fim. A força da consciencia é a imparcialidade. É por isso que protestamos contra uma sentença iniqua que podia um dia passar em julgado.

Paulo Midosi Junior.

(J. D.)

INSTITUTO DE LITTERATURA
E THEATRO ACADEMICO.

Decorreu mais um anno para o Instituto Dramatico, mais um anno em que a experiencia provou cabalmente, que as deligencias e os esforços da mocidade sabem afrontar todas as difficuldades, concorrendo para o progresso da intelligencia, e substituindo os divertimentos materiaes dos tempos passados pelas recreações instructivas da nova era porque passamos. Negar a utilidade, que produziu e produz o Instituto entre as demais associações, que modernamente se tem

(*) Prologo pag. V.

estabelecido em Coimbra, seria negar uma verdade reconhecida. E nós, os que depois de alguns annos da sua existencia, continuamos esta instituição fatalissima ao nosso dever, se não dessemos uma prova de reconhecimento aos que tanto concorreram para a sua criação, e que nos primeiros tempos da sua vida efflora não recuaram deante de centenas de contradicções, que sempre se desenvolvem de mistura com certo desdém, e sarcasmo de quem ordinariamente não olha muito para o futuro.

O anno academico terminou; e delle se deve dar o Instituto por satisfeito, porque a Direcção não poupou nenhum sacrificio para que se representasse o maior numero de vezes possível, dando-se 8 recites, e além disso fez desenvolver e apreciar um novo genero de produções, que nos annos antecedentes fora estreado com pouco successo. O theatro, que deve ser a expressão viva do mundo exterior, o theatro, que deve sempre acompanhar a civilisação e o progresso, o theatro, que deve estar ao par das idéas do seculo, já não pôde soffrer o peso dos cadafalsos nem o sangue das victimas. Já, não é o coração que aplaude a Torre de Nesle, que victoria Joanna de Flandres — é a intelligencia exaltando o merecimento da arte, louvando o bem delineado dos caracteres, premiando o bem acabado do dialogo; mas neste caso o theatro só consegue metade do seu fim — é como o cadáver de uma virgem, em que ainda se divisa a elegancia das formas, e a belleza das feições, mas falta-lhe a vida, falta-lhe o sentimento. O theatro da actualidade é o Chatterton, o Fr. Luiz do Sonza, o Kean, a Adelaide, a Angela, o Camões do Rocio, o Gaiato, o Japhet. É o Drama de sentimento, e a comedia de costumes.

O Instituto tem empregado todos os meios de seguir este methodo e foi por isso que a Direcção apresentou á discussão a Luiza de Lignerolles, bellissimo drama francez, que reúne em si a natu-

reza sem ridiculo, a paixão sem excesso, e a pintura dos caracteres que toca o sublime. Infelizmente algumas difficuldades tem obstado ás composições desta natureza; será porem de desejar, que se vençam, e que o theatro academico vá pondo de parte a eschola exagerada. O genero comico foi executado pelo decurso deste anno, e é decerto um dos muitos serviços, que a Academia Dramatica deve ao sr. Paulo Midosi Junior, mancebo, que pelos seus conhecimentos, docilidade, e modestia, se tornou sempre digno de merecer a confiança do Instituto.

A Direcção teve tambem o prazer de levar á scena o Drama original do sr. Pizarro—Lopo de Figueiredo—que apesar de não ser de primeira ordem, tem muito merecimento pela sua excellente linguagem, dialogo bem sustentado, e veracidade historica.

Na noite de 13 deste mez teve lugar a ultima representação deste anno com a Magdalena, e o Japhet. Cinco membros do Instituto, F. Palha, O'Neill, Sá Carvalho, Paulo Midosi, e D. Antonio, que terminando os seus estudos vão deixar Coimbra, tiveram occasião de fazer as suas despedidas, e de agradecer aos socios da A. D. e a todos os expectadores o favor e a bondade com que sempre os acolheram. Aquellas palmas e aquelles bravos penetraram no intimo dos seus corações, e cheios da mais viva saudade nunca deixarão de lembrar-se do theatro academico, e da noite de 13 de Maio. E eu faltaria tambem ao dever da gratidão se não estampasse nestas linhas um testemunho de reconhecimento ao illustre poeta, Presidente do Instituto, a quem elle deve mais serviços, o sr. José Freyre de Serpa.

Possa o theatro academico florescer longos annos. Possa o Instituto continuar a sua obra de civilisação e progresso artistico. X

D. A. da Costa.

O AGRICULTOR MICHAELENSE.

Cada vez que apparece na imprensa um apostolo da sciencia, cada vez que na nossa pobre corda industrial se engasta mais uma perola, sempre a nossa imaginação tenta enxergar no espesso véu do futuro um raio da nossa antiga grandeza, que renasce, e que abrilhanta as nossas vastas esperanças.

É o que nos succedeu com o *Agricultor Michaelense* — surgindo no meio do oceano, elle veio até nós, como o limpido diamante das agoas, embalado pela aragem mimosa do Oeste a reflectir os brilhos d'um genio, que é todo nosso.

O campo, esse thesouro inexgotavel, essa fonte preciosa de riquezas, é ella os amores do *Agricultor*, que lhe dedica os seus dias, as suas horas, os seus instantes, a sua vida; e ella grata prodigalisa-lhe as suas arvores, as suas flôres, os seus fructos, e tudo!

A agricultura, conhecida de todos os tempos, e olhada como um dos mais solidos elementos da prosperidade publica, vai desfilhando em Portugal a olhos vistos, porque sem apoio, sem jornaes seus que a ajudem como é mister, sem uma legislação que a proteja, ella olha somente para a sua irmã dos outros paizes, que alarga cada dia as suas conquistas, e fica muda e assombrada sem saber o caminho, que ha-de seguir para a alcançar.

E não é de certo aquelle orgulho agricola, que tanto mal faz aos Egypcios, nem a menos aquella indolência dos Orientaes, a causa deste atrazo — provem elle d'outra muito poderosa, que é a escassez d'instrução, causada por um vicio de governos desleixados — provem dos maus calculos dos nossos economistas que não tem sabido animar os productos no mercado — provem em fim dessa pouca importancia, que se dá á mais solida fortuna do paiz, á propriedade agricola, ao *capital nacional*.

A plantação de florestas, a instituição

de eschololas ruraes, a criação de *quintas-modelos*, e o estabelecimento de viveiros exoticos eram cousas de facil execução no continente e illhas portuguezas, não só pelas conveniencias do terreno e benignidade do clima, mas tambem pela indole e habitos do povo. Porem nada disto se tem feito, e foi mister que a Ilha de S. Miguel, reunindo alguns dos seus mais benemeritos filhos nos desse o exemplo, organisando uma Sociedade Promotora da Industria Agricola, que animada d'um grande pensamento começa com entusiasmo a pô-lo em execução — estabelecendo um conselho agronomico accessivel a todo o lavrador, que o queira consultar — mandando vir novas plantas para variar as culturas, e novas raças d'animaes para melhorar as antigas — fundando festas, e premios para os mais activos no trabalho — instituindo eschololas para educar e instruir os camponeses — e creando finalmente um jornal, o *Agricultor Michaelense*, redigido pela brilhante penna do nosso compatricio o sr. Castilho, que ensine por toda a parte os melhoramentos uteis, para que todos possam aproveitar-se delles.

Este pensamento digno de seus authores, eilo ahi realisado em cada uma das paginas daquelle jornal, que vem marcar uma epocha na nossa historia agricola, e que devêra ser um poderoso incentivo para os povos de Portugal e das outras illhas.

Em cada uma de nossas provincias, ao menos, desejaramos nós que se organisassem sociedades de Lavradores, tomando aquella como um modelo nacional, e espalhando as innovações proveitosas, que tornam animada e rica a agricultura de Inglaterra, França, e dos Estados-Unidos. Cada uma destas sociedades, estudando as condições territoriaes da sua provincia, introduziria nos lugares mais convenientes as culturas mais adequadas e mais uteis, para equilibrar desta arte os productos do paiz, e para facilmente se venderem uns pelos outros.

A seda, o algodão, as madeiras do Brazil, o arroz, o café, o assucar, o cacau, e outras producções meridionaes podem ser cultivadas com todo o proveito nas provincias do sul, e nas ilhas dos Açores, Cabo Verde, e Madeira; em quanto que o milho, os animaes lanigeros, bovinos, o queijo, os porcos, etc., seriam fornecidos em abundancia pelas provinencias do norte.

Escusado é produzir mais provas para mostrar as immensas vantagens que acarretaria para o povo, e em geral para o paiz a organização agricola de que acabamos de fallar, e á qual voltaremos nas paginas deste jornal, se elle continuar a ser bemquisto dos seus leitores.

Por agora diremos somente que uma sociedade tal como a do *Agricultor*, encerra em si os elementos sufficientes para tornar impediente a ilha de S. Miguel nas suas relações materiaes, e tem diante um campo vasto para ganhar fructo e reputação.

Se a nossa voz tivesse valor para alcançar alguma cousa, e se o *Agricultor Michaelense* precisasse della, pediriamos a todos os amigos do nosso adiantamento, que dessem seu amparo a esta arvorezinha ainda nova mas já robusta, até ella chegar a ter uma fortidão capaz de atravessar os seculos. São estes os nossos desejos e as nossas esperanças, e cremos que o pharol agricola de S. Miguel não se apagará á mingoa de recursos proprios.

J. Fructuoso,

O HERCULES PRETO.

ROMANCE ORIGINAL PORTUGUEZ

POR

A. Aragão.

Este livro impresso em 1846, e dedicado pelo seu Auctor ao Instituto Dramatico de Coimbra, foi mais uma obra, que apparecen na nossa imprensa tão esterilizada por más traducções, e infelizes imitações dos romances francezes.

O sr. Aragão ainda que inspirado talvez pelos — *Mysterios de Paris* — soube com tudo dar á sua obra uma côr, e uma forma tão nacionaes e tão portuguezas, que seu livro é mais uma prova de quanto é facil acclimatisar entre nós estas producções da eschola moderna.

Alguns capitulos d'este romance já o auctor os havia publicado nos jornaes. Mas os perfumes do folhetim são como os da rosa; esta murcha e morre poucas horas depois que a separam do tronco, o folhetim só dura o dia em que é arrancado do prélo. O sr. Aragão quiz dar as honras de livro aos seus ensaios do jornalismo, e fez muito bem, porque o livro não morre.

Fizemos uma leitura rapida e superficial d'estas paginas. Bebemos-lhe o nectar do romance, com aquella avida curiosidade propria d'un amante de novellas, e portanto nem o cadinho da critica, nem a lima aguda da analyse nos acompanhava.

Não lemos este livro com a reflexão, estudo, e severidade d'un litterato, e á vista d'esta declaração, vê-se que não intentamos neste annuncio nem um exame consciencioso do seu merecimento, nem uma discussão protenciosa de critica.

Os caracteres d'este romance são fielmente copiados dos originaes, que a sociedade de nossos dias por ali nos apresenta principalmente nas classes inferiores, e desenhados com um lindo colorido d'estylo — O dialogo é escripto com um chiste, graça, e mimo proprio d'un P. de Kock — Os costumes da sociedade do nosso seculo são philosophicamente avaliados pelo auctor. Os seus vicios, os seus principios, os seus crimes, traçados com um pincel severo — scenas populares da capital pintadas com côres tão vivas, que não podem deixar d'admirar o escriptor nestes traços da sua penna; lembra-nos por exemplo a descripção dos — milagres do magnetismo —, e o — arrombamento da barraca pelo povo e municipaes —. O typo d'Ernestina é bello e todo repassa

de poesia — Crispim e Gervasio são dous modelos, um da avareza, e outro da traficancia, cinzelados com muita verdade e expressão.

Parecem-nos notar alguns lapsos de linguagem, que nos desejamos attribuir a erros d'imprensa.

O Instituto Dramatico de Coimbra agradece a distincta honra da dedicatória d'este livro, e aqui tributa esta homenagem de gratidão.

J. A. S.

MEMORIA

Sobre o direito de preferencia dos officiaes theorico-practicos d'artilheria.

Recebemos este trabalho anonymo, cujo fim é provar que a sciencia, e o estudo são requisitos indispensaveis para o bom artilheiro. Em tres partes divide o Auctor o seu opusculo; na primeira assigna a importancia e consideração, que tem a arma d'artilheria desde o seculo 17.º, comprovando-a com documentos officiaes; na segunda apresenta um quadro ligeiro, onde se vê que com effeito a habilitação da sciencia tem preferido a da antiguidade, menos em algumas epochas muito modernas; na terceira finalmente conclue o auctor com muito tino, que sem duvida a sciencia é uma habilitação indispensavel, e que deverão ser somente promovidos os officiaes munidos della.

É este um ramo especial da instrucção publica que, assim como todos os outros, tem sido menos attendidos do que deveram ser; porém apezar disto consideramos um dever, que nos impõe o espinhoso mister d'escriptores, o juntar a nossa debil voz á santa cruzada do progresso intellectual, todas as vezes, que podermos.

Ao progresso da instrucção publica está ligado o estado florescente das nações, porque com ella se propagam as mais sublimes das virtudes sociaes.

Quanto mais vastos forem pois os meios empregados para se augmentar a illustração, tanto mais depressa nós chegaremos a occupar de novo o distincto lugar, que já nos coube na escala das nações.

Por isso nós pedimos mais do que o auctor daquella memoria — pedimos uma eschola militar, que dê ao exercito a officialidade illustrada, sem com tudo prejudicar os soldados valentes e dedicados — pedimos em fim uma eschola subsidiada pelo estado, que faculte a instrucção a todo o militar, que a pedir, e mostrar aptidão e talento para a receber.

J. Fructuoso.

UM CEMITERIO ACADEMICO.

Tam rara in amicitia fides, tam parata oblivio mortuorum, ut ipsi nobis debeamus etiam conditoria extruere.

Plin — Ep. VI.

Essas duas palavras, que ahi deixamos escriptas no principio deste artigo, não são e seu titulo, não são uma nova, que damos ao publico curioso: são apenas uma supplica.

Quando por toda parte nos cercam idéas de lucto e morte, não é muito que supplicemos um jazigo para finados. Contemplavamos os passos incertos da patria, disseram-nos, que era a sua marcha para o patibulo, que ia adiante della o esquife: lançamos os olhos para a geração nascente, em quem tinhamos tantas esperanças, mostraram-nos voando já para o occidente, á voz do tremendo — *caminha, caminha* —, o flagello da *cholera de Deus*, para despovoar nossas cidades. . .

Pedimos pois um jazigo para finados, pedimo-lo com o rubor nas faces, porque não sabemos como desculpar a terceira cidade do reino, a sede da *Universidade Portugueza*, que ainda não tem de seu um palmo de terra para repouso dos mortos, *para corte de paz* (*).

(*) O. Almeida chamou ao cemiterio — *Fris-*

A supplica quizeramos fazel-a ao povo; mas não o ousamos.

Foi má sina desta nossa terra, que para se estabelecer o mal hajam traças e firmesa; mas para nos fazer abraçar o pouco bem, que ás vezes lembrou a quem nunca o devêra esquecer, só se empreguem guisamentos próprios para lhe tomarmos aversão.

Livre-nos Deus, que nos lancem á conta de politica isto que dizemos: a *Revista Academica* morrerá sem descer nunca até o circo para manchar-se no sangue dos gladiadores.

Mas quizeramos, que se não houvessem tornado odiosas aos povos medidas salutaes, teimando em levar ás aldêas uma civilisação, *ainda demasiada para a cidade das lettras.*

Nas aldêas não havia o perigo da infecção. Um pouco mais tarde os prejuizos houveram desaparecido ante o exemplo dos ricos e investidos em auctoridade.

Quando a joven filha do rico lavrador, antes de entrar no templo para adorar o Eterno, vier, como diz *Chantigny*, ajoelhar sobre a campã de sua mãe; quando os esposos oraram sobre a do pastor, que abençoou sua união e seus filhos; o camponez pobre ao voltar á noite do campo de trabalho, se passar em frente *do campo de Deus* (*), demorar-se-ha um momento para orar por seus irmãos, que alli dormem o somno da morte, e ha-de familiarisar-se pouco a pouco com idêa da sepultura fora do recinto das igrejas.

Mas n'uma cidade a fundação de um cemiterio fóra de seus muros é indispensavel.

Não queremos o cemiterio fóra dos muros da cidade, porque julgamos, que *toda a ventura consiste em gosar o presente, esquecendo-nos do passado, sem nos inquietar o futuro*; não o queremos fóra dos muros da cidade, porque nos

apraza *apartar cuidadosamente de dentro della tudo quanto pôde tornar carregudas as côres do quadro da vida* (*): quieremol-o fóra da cidade, porque assim o pede a hygiene publica em nome da saude dos povos, pede-o a poesia para desaffogo do coração, pede-o o Christianismo para consolação da pobreza, para desaffronta da igualdade religiosa.

Somos christãos, professamos a fé catholica em toda a sua pureza, com todas as suas crenças, todas as suas observancias: nossas palavras devem de ser por tanto insuspeitas.

É pois como christãos, que pugnamos pelos enterramentos fóra dos templos, pela sepultura nos cemiterios: mas queremos cemiterios dignos de christãos, e não vastos ossarios, considerados unicamente como depositos de cadaveres em corrupção.

Queremos, que as cinzas do homem fiquem sob a protecção do sanctuario, acolhidas á sombra da Cruz, para que se grave profundamente no espirito dos vivos a dignidade de nossos destinos.

O dogma da immortalidade acha-se universalmente traduzido nesse religioso respeito, que todos os povos tem sempre guardado para com a morada dos mortos.

Entre muitos dos antigos o criminoso acolhido ao asylo do cemiterio, ficava pelo em quanto fora da alçada da justiça humana; as riquezas depositadas nos tumulos não havia mão, por mais sacrilega que fosse, a qual ousasse tocar-lhes.

Entre os *Israelitas* estava tão arraigado no espirito de todos o pio costume de respeitar as cinzas dos mortos, que nem *Moyes* julgou necessario sancional-o por lei. *Tobias* sem recear a colera do rei da *Assyria* dava á sepultura os cadaveres dos que o tyranno sacrificava á sua ferocidade. *Jeremias* não achou ameaça tão terrivel contra os principes e sacerdotes, que adorassem os idolos, como a de que seus ossos seriam tirados da sepultura, e espalhados pela terra em castigo de seu crime.

dhof — corte de paz, ou — *Gottesaack* — campo de Deus.

(*) V. a nota precedente.

(*) *Chantigny*.

Mas não era dentro do templo que se abriam tumulos: nas aldeas, nas estradas, e sobre as montanhas guardava a morte as suas victimas. O sepulchro de Jesus Christo lá estava sobre o Golgotha, cavado na rocha viva.

São vulgarmente conhecidos os methodos de embalsamar os cadaveres entre os *Egyptios*; as honras da sepultura só aos perversos se negavam por uma sentença, proferida em tribunal, de cuja auctoridade nem os reis eram isentos. Podiam os fillos conservar no seio da familia os cadaveres dos paes depois de competentemente embalsamados. Eram estes o melhor penhor de suas promessas; mas ai do que não desempenhasse o cadaver de seu pae! Ficava para sempre infamado o seu nome; nem a morte o livrava da deshonra.

Entre os *Gregos e Romanos*, os cadaveres ora eram sepultados, ora queimados: a sepultura era o uso mais antigo; a pyra foi depois preferida, mas nunca universalmente adoptada. As cinzas recolhiam-se da pyra para uma urna as mais das vezes de barro, a qual depois era confiada á terra. Ainda hoje apparecem destes vasos enterrados; destroe-os o vulgo ignorante ávido de encontrar alli um thesouro, e amaldiçoa os pobres *Mouros*, que por força dos seus encantos souberam reduzir á apparencia de carvões, joias e pedras preciosas.

Mal cuida esse pobre povo, que o que vê é um thesouro da morte, que profanou a mansão dos finados, que alli não está ouro, mas um desenganço terrivel. Mal cuida que remexa as cinzas talvez do soldado de Roma, o qual ha vinte seculos combateu na terra dos Lusitanos contra o valente montanhez da *Hermínia*, nascido para opprobrio dos conquistadores do mundo, e deshonra eterna do traioeiro *Galba* (*).

(*) Relevem-nos, que por amor patrio, já que fallamos de cemiterios e sepuleros, copiemos aqui o seguinte epitaphio.

L. SILO. SABINUS. BELLO. CONT. VIRIATUM. CONFOS. MULTITUD. TELORUM. AD. L. PLAUT. PRÆT. DELATUS. HUME

O respeito para com o jazigo dos finados era sancionado por leis: eram reputados sacrilegios os que violassem a religião do sepulchro.

*Res ea sacra, miser, nolime tangere fata,
Sacrilège bustis abstinere manus.*

Multas pecuniarias eram impostas aos que onsassem tocar as cinzas dos mortos. (*)

Mas todavia não era nos templos, nem dentro dos muros da cidade, que essas cinzas se depositavam: prohibia-o a lei das *doze Tabuas* (**), prohibia-o o accordam do Senado do anno de Roma 490.

O imperador *Adriano* impoz uma multa pecuniaria não só aos que abrissem sepultura dentro da cidade, mas tambem aos magistrados, que o tolerassem; e *Diocleciano e Maximiano* ratificaram estas determinações (***)

Na *China*, e entre os *Turcos*, enteram-se os cadaveres com toda a pompa, mas não é nas mesquitas, nem nos pagodes, nem dentro das cidades.

Os proprios selvagens da America, cujo templo era o universo, tinham todavia tanto amor e respeito ás reliquias dos mortos, que quando os Europeus lhes propunham uma mudança para outro paiz, responderam com a nobre eloquen-

RIS. MIL. HOC. SEPUCR. F. PEGUNIA. MEA. MIHI. FECL. IN QUO. NEMINEM. VELIM. MEGUM. NEG. SERVUM. NEG. LIBERUM. INFERRI. SI. SECUS. PIET. VELIM. OSSA. QUORUMCUMQ. SEPULCR. MOVERI. SI. PATRIA. LIBERA. ERIT.

Kirkkaman, de Fun. Rom. III. 13.

(*) L. 4. C. de sepulc. viol. Decem pondo auri fisco inferre eos, qui corpora sepulta, aut reliquias contractaverint.

(**) Homine mortuum in urbe ne sepelito, neve urito.

(***) Nem os mesmos imperadores eram dispensados de observar estas leis: foi-o só Trajano em recompensa de suas virtudes. Sols omnium imperatorum, diz um historiador, intra urbem sepultus est. Ossa ejus collocata in urna rurea in foro, quod edificavit sibi, columna ibi posita, sunt: ejus altitudo pedes CXLIV habet.

Entrop. VIII. 5.

Quid? Qui post XII in Urbe sepulti sunt clari viri? credo, Tite, fuisse aut eos, quibus hoc ante legem virtutis causa tributum est, ut Publicola, ut Tuberto, quod eorum posteri temerum: aut e. is, siqui hoc, ut G. Fabricius, virtutis causa, soluti logibus consecuti sunt.

Cicer. de Leg. II. 23.

cia filha da religião da patria: *Diremos aos ossos de nossos pais; alevantai-vos, segui-nos para terra estranha?*

Oh! como temos inveja, que palavras taes salissem de boccas pagãs! Oh! como temos vergonha de que não as comprehendessem os que lhes iam prégar a religião do Crucificado!

Os habitantes do *Otaiti* suspendem o corpo morto em um berço cuberto com uma canoa voltada para baixo — *symbolo bem exacto do naufragio da vida.* (*)

Sobre a ramagem florida dos bosques funereos vai a filha das selvas Americanas depositar o tenro fructo de suas entranhas, que nascido apenas, e coroado ainda pela rosa dos amores, veio o sopro do deserto, e precipitou-o no regaço da morte. Como serão saudosas as expressões de dôr daquelles labios singelos, quando ella ao nascer da aurora contemplar as brisas a folgarem com o pequenino cadaver — que mollemente recostado na verde folhagem parece dormir o somno da innocencia!

Mas porque é que dos povos de todas as religiões só os christãos depõem nos templos os seus defunctos? Tão estrechado respeito para com os finados será uma consequencia da verdade do dogma?

Julgaramol-o assim talvez, se não houveramos conhecido o principio aliás piedoso desta depois abusiva pratica.

Mas vemos, que os cadaveres dos martyres, e os dos primeiros fieis eram sepultados nas catacumbas, essas populosas cidades das sombras, onde a morte reina com toda a magestade do silencio. Vemos que *Theodoro* arcebispo de Cantuarua não só prohibia os enterramentos nas igrejas, mas até ordenava, que se antes d'estas serem sagradas, lá se enterrasse algum morto, a sagração não pudesse ter logar (**).

O concilio *Nannetense* no canon 6

(*) E. Pascáut.

(**) In ecclesia sanctificata nulli mortui sepeliuntur. Si autem mortui antequam fuerit sanctificata sepulti sunt, non sanctificentur.

Capitul. 68. Spicileg. tom. 9.

prohibe expressamente a sepultura nos templos, e apenas a concede nos adros delles (*).

Entre nós carecia o clero de iguaes exemplos? Apontar-lhe-hemos para não menos que um concilio nacional. É o segundo *Bracharense*, congregado no anno de 563 para rebater o fanatismo dos *Priscilianos*. No canon 18 condemna elle até como irroverente a pratica de sepultar nas igrejas. (**)

Foi esta pratica ao principio innocente, porque como diz *Bergier* não se previam as consequencias. Desejavam os fieis ser enterrados ao pé dos tumulos dos martyres, que estavam fora das cidades; quando com o tempo se edificaram basilicas, ficaram essas sepulturas dentro do templo. Cresceram depois as povoações, ficaram as basilicas dentro de seu recinto, e assim pouco a pouco se introduziu um uso, que tão prejudicial foi depois, e se tornou em abuso.

São numerosissimos os casos de epidemias, e mortes subitas devidas a exhalções cadavericas; e ainda que alguns homens de auctoridade tenham ultimamente julgado exageradas taes narrações, nós todavia sem deixarmos de respeitar o seu voto, respeitaremos sempre mais uma velha crença da medecina. Os nomes de *Haller*, *Navier*, *Vicq-d'Azyr*, além de quasi os de todos os medicos da antiguidade, poderiam contrabalançar o de *Orfila*, quando das observações deste sabio quizesse deduzir-se uma absoluta negação do quanto são prejudiciaes as emanações dos corpos em corrupção: mas o mesmo *Orfila* não contesta semelhante verdade.

(*) Prohibendum est etiam secundum majorem instituta, ut in ecclesia nullatenus sepeliantur, sed in atrio, aut in porticu, aut in exedris ecclesie.

Honr. Valer. not. ad Eus. lib. 3. cap. 50.

(**) Eis a sua integra.

Placuit ut corpora defunctorum nullo modo in basilica sanctorum sepeliantur, sed si necesse est deforis circa murum basilicæ usque adeo non abhorret. Nam si firmissimum hoc privilegium (pele lei das doze taboas) usque nunc manet civitatis, ut nullo modo intra ambitus murorum cujuslibet defuncti corpus humetur, quanto magis hoc venerabilium martyrum debet reverentia obtinere.

E foi no brado desta verdade, que em França já no reinado do infeliz Luiz XVI se baniu a pratica de abrir sepulturas nas igrejas: mas entre nós continua, e continuará. . . Deus sabe até quando.

E porque não tem sido o clero o primeiro a erguer a voz contra o abuso? Porque não vimos apparecer em frente do povo o baculo do pastor em vez da bayoneta do soldado? Porque não ouvimos a eloquencia singela do Evangelho em vez da rhetorica do arcabuz? Dolorosas são as reflexões, que neste momento se revolvem em nossa alma. Lembrem-nos os nomes de *Caetano Brandão*, e *Bartholomeu dos Martyres*, e derramamos lagrymas bem amargas sobre as ruínas da Igreja-Lusitana!

Mas se os que possuíam a confiança dos povos não ousaram fallar-lhes, menos o ousaremos nós, que nem a possuímos nem a merecemos.

Dirigiremos nossa humilde supplica a uma classe somente. Será ante o corpo academico, que levantaremos a voz com a confiança de irmãos.

«A mocidade universitaria deve *Coimbra* seus dons mais uteis estabelecimentos modernos, escholas de civilização e litteratura, estímulos de sublime inspiração para o aperfeiçoamento das artes, para a doçura dos costumes. Fallamos da *Academia Dramatica*, e da *Assemblêa Academico-Philharmonica*. X

Dê tambem agora essa mocidade um exemplo memoravel. Mostre que se não esquece da morte, quando tudo a chama para a vida, que se tem corôas de rosas para adornar sobre o palco scenico a frente de seus actores, tambem sabe plantar o cypreste para corôar a campa, onde repousam as cinzas do irmão.

Do irmão, repetimos; que os mysterios do coração expressos nessa palavra applicada aos companheiros de estudo, só os poderá comprehender o que foi *estudante de Coimbra*.

Só os comprehenderá aquelle, que ao contemplar de sobre a encosta de um outeiro a filha de *Attaces* assentada em

throno de suberba rocha, e com sua corôa magestosa a deovassar as nuvens, pôde uma tarde do estio observar numerosas cohortes de mancebos, que de todos os angulos de *Portugal*, das remotas regiões d'*Africa*, *Asia*, e *America* vinham em nome do seu paiz a render homenagem gloriosa á nossa rainha das letras.

E nenhum trazia armaria nem escudo, que as insignias de sua nobresa cada qual as guardava no coração. Era a memoria do abraço paterno no adeus da despedida; era a recordação da lagryma de saudade, que mãe extremosa lhe derramára sobre o peito; era a lembrança do osculo innocente, talvez o ultimo, que nas faces viçosas lhe depuzera a companheira de seus folguedos da infancia; era talvez o repetido vibrar n'alma, o reviver d'um suspiro, d'um lançar d'olhos. . . que tão dolorosamente lhe fallára ao coração; era a imagem solenne da patria a esconder-se no oceano, a desaparecer ao longo na ultima orla do horizonte.

E estes sentimentos tão nobres, tão grandiosos a pularem n'alma, a trahordarem já no coração, que não houve ali na terra de *Cindasunda* que os afflagesse? Que cofre precioso se abriu para os receber?

Houve só a mão do antigo soldado de *Minerva*, que do alto da encosta observava o novo filho das sciencias. Abriu-se-lhe só o coração igualmente nobre de mil companheiros de fadigas, patenteou-se-lhe com todos os seus mysterios a alma de mil irmãos por amor.

E nesta nova sociedade encontron ello resumidas sua patria, seus amores, e familia.

Mas se o braço da morte se alevantou entre a patria e o filho ausente, entre o amor e a esperança, entre a familia e o seu idolo, expirou nesse momento a religião desta maravilhosa fraternidade?

Diga que sim o homem sem crenças, que entre a mocidade acadamica nenhum se queixará como *Ovidio*:

*Nec mandata dabo; nec cum clamore supremo
Labentes oculos claudet amica manus. (*)*

O amor do companheiro de estudos não se quebra na lousa da campa.

E nós queremos essa lousa no meio da solidão; que a melancolia da mansão dos mortos é para o poeta uma inspiração sublime.

Queremos a campa no meio da solidão; que a mudez do sepulcro é para o Christão uma philosophia do céu.

Queremos que a sombra da Cruz, ao passar por cima da pedra dos tumulos, nos marque as horas da vida.

Queremos que nem a morte onse separar as cinzas dos que tão unidos viveram.

Queremos que o amigo possa desaffogar a dôr do intimo peito, derramando uma lagryma sobre essa pedra, que tantas esperanças esmagou.

Queremos que os prantos da mãe inconsolavel possam orvalhar os ramos do cypreste, que pela mão da amizade foi plantado ao pé do tumulo do filho.

Queremos que a donzella maguada possa na hora do desengano entrar no cemiterio academico, e ali a sós consigo e com a sua dor desposar as cinzas do finado, fallar de amor ainda ao menos uma vez, e sorrir aos vermes do sepulcro.

Queremos que sua dextra mimosa e tremula possa gravar sobre a pedra da campa, e entralçar com o nome do que jaz neste alcaçar da morte, o nome que elle depois do do Eterno balbuciou na hora do passamento.

E se essa phenix da constancia tiver vindo de longes terras, para celebrar este doloroso consorcio, ratificar esta

mysteriosa alliança entre o amor e a morte, possa ao menos partindo escrever nas paredes desse cemiterio as magnificas palavras de consolação do triste cantor Romano:

Não seja a urna; ao menos serão lettras

Que na campa este amor hão de cifrar.

Não lozarei teus ossos e'os meus ossos.

Mas teu nome e'o meu hei de abraçar. (*)

E nós pela nossa parte, se ao abandonarmos esta saudosa terra, onde nos morreram os ultimos reflexos das illusões da juventude, onde vimos cahir no pó da campa tantas amizades, que nos haviam sorrido cheas de vida e esperanza; se ao contemplarmos o descabir dos ultimos raios do sol, que acabou de brilhar para nós no horizonte de Coimbra, não nos fôr dado estar á porta do cemiterio academico, para nessa hora solemne darmos o extremo adeus ás cinzas de nossos irmãos, teremos ao menos a consolação de havermos levantado hoje a voz pedindo um asylo para ellas. . . Um asylo, sim, em nome da saudade, que as chora esquecidas sob o lageado dos templos; em nome do amor, que estremece ao contemplal-as profanadas pela enxada do coveiro; em nome da honra da mocidade academica, que nos manda dar o exemplo a uma cidade indolente, e mostrar que nem o braço da morte pôde quebrar nossos laços de irmãos.

É supplica da *Revista Academica* na vespera talvez do seu ultimo dia. Mas não é para si que ella pede jazigo, porque se não julga digna das honras da sepultura.

Pede-o a irmãos para irmãos; e creê que não serão atiradas ao desprezo as suas derradeiras palavras.

Et sit in exigua laurus superadita busto,

Quae tegat extincti funeris umbra locum.

Gômes d'Abreu.

(*) Ovid Trist. III. 2.

(*) inque sepulcro
Si non urna, tamen junget nos litera: si non
Ossibus ossa meis, al nomen nomine tangam.
Ovid. Metam. XI. 750.